



‘Coro da Capela Sistina’ traz a tradição musical do Vaticano à Catedral da Sé

Luciney Martins/O SÃO PAULO



Após São Paulo, *Cappella Musicale Pontificia “Sistina”* continua a turnê inédita por Curitiba, Brasília e Rio de Janeiro **Página 8**

Encontro com o Pastor

A comunhão com a Igreja e a profissão da mesma fé católica

Página 2

Editorial

Um só rebanho, um só pastor: a unidade da Igreja diante do cisma

Página 4

Espiritualidade

A recomendação de Jesus: ser manso e humilde de coração

Página 5

Em Lampedusa, Papa convida à acolhida dos migrantes à luz do Evangelho

Página 16

Seminaristas vivem a Missão de Férias em paróquias e frentes de evangelização

Página 6

Linha 6-Laranja: o papel da Igreja na mobilização que levou o metrô à Brasilândia

Página 9

Quando a justiça promove a paz

Como a Doutrina Social da Igreja ilumina o debate sobre a segurança pública? A presente edição do *Caderno Fé e Cidadania* apresenta princípios que articulam a dignidade humana, o bem comum, a atenção aos mais pobres, o fortalecimento da família, o enfrentamento das causas da violência, a justiça restaurativa e a transparência institucional como caminhos para a construção de uma sociedade mais segura.



Reprodução



**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Em comunhão com a Igreja

tos. A excomunhão, em determinados casos previstos pela norma da Igreja, é automática; em outros, ela pode ser declarada e imposta a alguém após o devido processo canônico. No caso que tratamos, ela foi automática.

Quem são e o que fizeram os novos excomungados para receberem pena tão grave? A Fraternidade São Pio X foi fundada em 1970 pelo Arcebispo francês Marcel Lefebvre, que não aceitou o Concílio Vaticano II e se opôs ostensivamente à sua aplicação. Na Fraternidade, foram sendo acolhidos outros católicos, que igualmente não aceitam o Concílio Vaticano II e toda a Igreja pós-conciliar. Não se trata apenas de rezar a missa em latim e de costas para o povo, na forma pre-conciliar, mas de muito mais. De fato, significa não aceitar a Igreja pós-conciliar, que consideram desviada e fora da autêntica “tradição” católica; por isso, ela já não seria mais a verdadeira Igreja de Cristo. Alguns mais extremados chegam a negar a legitimidade de todos os Papas que sucederam a Pio XII: São João XXIII, São Paulo VI, João Paulo I, São João Paulo II, Bento XVI, Francisco e Leão XIV. E isso, naturalmente, é muito grave e espalha uma grande confusão, insegurança e divisão no meio da Igreja.

Se isso já não bastasse, o próprio Dom Marcel Lefebvre, junto com outros dois bispos cismáticos, ordenou alguns bispos da linha dele, sem a aprovação do Papa, em 1988, sendo exco-

munhado junto com os outros bispos ordenantes e os bispos ordenados por ele. E agora, dia 1º de julho, foram ordenados outros quatro bispos novos, também sem o Mandato Pontifício, ou seja, sem a aprovação do Papa, que é o único que aprova a nomeação de bispos na Igreja Católica. Leão XIV, em diversas ocasiões, pediu e até suplicou paternalmente à Fraternidade São Pio X que não o fizesse. E a Santa Sé deixou claro que, com esse ato, os bispos ordenantes e os bispos ordenados incorreriam automaticamente na pena de excomunhão. Ainda no dia 30 de junho, véspera da ordenação, o Papa Leão XIV fez um último apelo aos responsáveis da Fraternidade para que não fizessem a ordenação. Tudo inútil. A ordenação foi feita e, portanto, os autores desse ato incorreram em excomunhão. O que a Santa Sé fez, através do Dicastério para a Doutrina da Fé, foi apenas formalizar a excomunhão, já acontecida com a decisão e atitude dos citados bispos.

Tratou-se, portanto, de um ato cismático, ou seja, de separação da comunhão da Igreja, para escolher autonomamente um caminho fora da comunhão da Igreja. E foi uma desobediência gravíssima ao Papa e à própria Igreja, que tem a autoridade para estabelecer as suas normas sobre a reta ordem e para assegurar o maior bem dos fiéis. Sobre as questões doutrinárias em jogo, é preciso ir mais a fundo e não seria o lugar de fazê-lo aqui, mediante este breve artigo. Mas é certo que não

se tratou apenas de desobediência ao Papa e às normas da Igreja, mas foi ferida a própria fé na Igreja Católica e no Espírito Santo, que conduz a Igreja através dos seus legítimos Pastores, sobretudo em referência ao Papa, o que é, de forma prática, negado pela Fraternidade São Pio X.

Nestes últimos anos, a Igreja está refletindo muito sobre a “comunhão eclesial” que, lamentavelmente, é ferida e até rompida de diversas formas. A comunhão eclesial refere-se à aceitação da mesma fé, afirmada no “*Creio em Deus Pai*” e explicada oficialmente pelo Magistério da Igreja, sobretudo no *Catecismo da Igreja Católica*, nos documentos conciliares, nos escritos e na voz do Papa e dos bispos em comunhão com ele. Mas refere-se também na comunhão litúrgica, ou seja, na forma de celebrar os mistérios da fé na forma aprovada pelo Magistério da Igreja. E a Igreja conclama a todos a viverem e testemunharem essa comunhão na caridade fraterna, no serviço evangélico ao reino de Deus no mundo e na esperança na salvação prometida.

A celebração da Eucaristia representa o momento visível mais forte dessa comunhão invisível da Igreja. Que nossas celebrações eucarísticas unam sempre mais a Igreja e que todos os que se reúnem em torno do altar (que representa Cristo), ouvem a Palavra de Deus e acolhem o Pão da Vida sejam sempre mais um só corpo, sem divisões.

No dia 1º de julho passado, aconteceu a excomunhão de dois bispos ligados à Fraternidade Sacerdotal São Pio X, por terem ordenado quatro bispos novos, também ligados à mesma Fraternidade, sem terem o Mandato Pontifício, com a aprovação e nomeação dos novos bispos, sempre requerido para ordenar um novo bispo. Falou-se muito na imprensa e nas mídias sobre o fato; mesmo assim, desejo apresentar algumas reflexões e esclarecimentos. Afinal, não é todos os dias que acontecem cismas e excomuniões na Igreja, graças a Deus!

A excomunhão é a pena mais grave que a Igreja impõe a um fiel (clérigo, religioso ou leigo) por alguma falta muito grave cometida por ele, com a consequente exclusão da comunhão com a Igreja. O efeito principal da excomunhão é a separação (cisma) da comunhão visível com a Igreja e, portanto, também a suspensão dos direitos que fazem parte da comunhão eclesial, como a recepção válida dos Sacramentos e, para os clérigos, a exclusão da celebração dos Sacramen-



SANTA CAROLINA

CHILE 1875

Nascida da inspiração e moldada pelo tempo, Carolina carrega um legado histórico. Reinventa tradições, cria novas experiências e desperta sensações únicas. É ousadia com alma. É o passado que pulsa no presente.

CAROLINA RESERVA



Beba com moderação.



Dom Odilo ressalta legado missionário da Beata Assunta Marchetti



Irmã Goreth Batista Ferreira

REDAÇÃO
OSAOPAULO@UOL.COM.BR

No domingo, 5, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, presidiu missa na Capela da Casa Madre Assunta, na Vila Prudente, em honra à Bem-Aventurada, cuja memória é celebrada em 1º de julho. Entre os concelebrantes estava o Padre Eduardo Binna, Pároco da Paróquia São Carlos Borromeu, na Vila Prudente, Decanato Santa Maria e São José, cuja território abrange a obra social.

Na homilia, o Cardeal traçou um paralelo entre o evangelho do dia (Mt 11, 25-30) e o exemplo da Bem-Aventurada no cuidado com os pobres, órfãos, doentes, os pequeninos a quem Deus se revela. “Jesus louva o Pai, agradece ao Pai, que se fez conhecer”, disse o Purpurado, e continuou: “No fundo, todos querem conhecer Deus. E o que permite conhecê-lo? É a atitude dos pequeninos, dos humildes. Aqueles que abrem o coração. Aqueles que, como São Paulo diz na segunda leitura, se deixam mover pelo Espírito Santo, e por isso aceitam de bom coração as coisas de Deus.” Ao final da homilia, Dom Odilo ressaltou mais uma vez a vida e a

dedicação de Madre Assunta. “Ela entendeu que nos sofridos e abandonados podemos ver a Deus.”

MADRE ASSUNTA

Nascida em Lombrici – Camaiore, na Itália, em 15 de agosto de 1871, Madre Assunta Marchetti chegou ao Brasil no dia 27 de outubro de 1895, a pedido de seu irmão, o Padre José Marchetti, para ajudá-lo com a missão de zelar pelas crianças do orfanato feminino no bairro da Vila Prudente.

Além da capital paulista, ela também foi missionária no interior paulista, nas Santas Casas de Misericórdia de Monte Alto e Mirassol, um asilo em Jundiá, e em escolas de Nova Bréscia, Bento Gonçalves e Farroupilha, no estado do Rio Grande do Sul.

Em 25 de outubro de 2014, a Religiosa foi beatificada em uma celebração presidida pelo Cardeal Angelo Amato, então Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, na Catedral da Sé. Na ocasião foi lida a carta apostólica do Papa Francisco que proclamava a religiosa como Bem-Aventurada.

Com informações da Congregação das Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas



Arquivo pessoal

O Cardeal Odilo Pedro Scherer acompanha o 5º Retiro do Clero da Arquidiocese de São Paulo, realizado em Sorocaba, que reúne 43 participantes, entre sacerdotes e diáconos. Os momentos de reflexão e oração são conduzidos por Dom Juarez Albino Destro, RCJ, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Porto Alegre (RS).

Liturgia e Vida

Fomos feitos para ser espiritualmente fecundos

15º DOMINGO DO TEMPO COMUM
12 DE JULHO DE 2026

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

Na parábola do semeador, Jesus recorda a necessidade que temos de ‘dar frutos’. Fomos feitos para ser espiritualmente ‘fecundos’: ter vida santa, amar a Deus e ao próximo, servir os demais, perdoar as ofensas e ajudar outros a conhecerem o Senhor. Cristo compara as almas – ou os estágios da vida de uma pessoa – à terra, que pode ser boa ou ruim. A Palavra de Deus é como a semente que, sendo lançada por toda parte, precisa apenas encontrar um chão fértil para frutificar.

O primeiro possível defeito do ‘solo’ é o vir a Palavra ‘de má vontade’. Como semente lançada pelo caminho e que logo se perde, assim são os que não se interessam por Deus, pelos Mandamentos e pela busca da salvação eterna. Trata-se das pessoas mundanas como Herodes, que queria ver Jesus quando muito por curiosidade irreverente e sem um desejo sincero da Verdade.

O segundo defeito é a superficialidade. Como uma semente que brota em terreno pedregoso e raso – e que portanto não tem raízes – assim são os que chegam a vislumbrar algo a mais no Evangelho, mas logo desistem. Vivem sempre no condicional: ‘Eu gostaria de ter mais fé’, ‘eu queria ajudar mais o próximo’... Contudo, porque não estão dispostos a comprometerem a própria vida com uma entrega maior, são inconstantes. Não se esforçam para rezar, nem aceitam fazer renúncias por Deus e pelo próximo. Jamais chegam a ‘entrar de cabeça’ em nada, pois querem conciliar seus ideais com a facilidade e a comodidade.

O terceiro defeito é o apego às coisas deste mundo. Aqui se incluem aqueles que deram bons passos no amor a Deus, que buscam o Senhor, que descobriram o sabor da oração e que chegaram a se aprofundar na doutrina cristã, mas não foram até as últimas consequências da vocação cristã. Trata-se de pessoas ‘ótimas’ e ‘acima da média’ que, vistas de fora, são consideradas ‘muito católicas’. Receberam graças especiais do Senhor, fazem o bem ao próximo, ajudam na paróquia, têm um amor sincero a Jesus, mas... vivem como se fossem passar a eternidade neste mundo. Para esses, a saúde, a segurança econômica, as ambições profissionais e outras aspirações honestas prevalecem sobre o desejo de amar a Deus. Por isso, não chegam a dizer ‘sim’ a uma vocação de maior entrega ou, tendo-o dito, não a abraçam até as últimas consequências. Não se abrem totalmente à vida no Matrimônio. Não se comprometem em aproximar outras pessoas da fé. Não ajudam economicamente os pobres e a Igreja como poderiam. Sob a escusa da ‘prudência’ e da ‘moderação’, renunciam a ter verdadeira intimidade com o Senhor.

Por fim, há também a ‘boa terra’. Essa produzirá frutos! Para que ninguém se acomode, o Senhor avisa que a quantidade de frutos varia: ‘Um dá cem, outro sessenta e outro trinta’. De acordo com a capacidade dada por Deus e de acordo com a generosidade de cada um, sempre é possível amar mais, rezar mais, servir e fazer mais apostolado. O Senhor lança a semente com largueza em todos os solos; quem se abrir generosamente colherá generosamente!

Editorial

Um só rebanho, um só pastor

No último dia 1º, a Igreja viveu um triste capítulo em sua história. Nessa data, a Fraternidade Sacerdotal São Pio X, grupo criado pelo então Arcebispo Marcel Lefebvre, ordenou quatro novos bispos sem mandato pontifício. Mesmo com pedidos do próprio Santo Padre para que seus membros reconsiderassem e não tomassem tal atitude, o ato foi consumado e transmitido ao mundo todo diretamente de Ecône, Suíça. No dia seguinte, 2, a Santa Sé publicou o decreto de excomunhão de todos os bispos ordenantes e recém-ordenados, conforme manda o direito canônico. Além disso, declarou que todos aqueles que aderirem formalmente à referida instituição incorrem em cisma e nas respectivas sanções canônicas.

Este acontecimento, por mais lamentável que seja, abre-nos ocasião especial para refletirmos sobre a primeira das quatro notas da Igreja: a unidade. Tendo sido fundada por Cristo para que seja “um só rebanho e um só pastor”, uma das missões fundamentais da Igreja é confirmar os fiéis na fé. Quando há um cisma, especialmente pelas justificativas alegadas – de que, após o Con-

cílio Vaticano II, a Igreja estaria “sendo animada por um espírito que destrói a Santa Tradição” –, é gerado nos fiéis escândalo e perplexidade. Ademais, uma nova divisão pode trazer a dúvida a alguns fiéis sobre o que significa realmente dizer que a Igreja é *una*.

De modo mais imediato, a unidade da Igreja consiste em que todos os fiéis, em todas as partes do mundo e em todos os tempos, creem na mesma fé. Aderem, com sua inteligência e vontade, às idênticas verdades os bispos, sacerdotes, crianças, adultos, brasileiros, japoneses, brancos e negros. Não importa onde estejam, que idioma falem ou quais sejam seus gostos pessoais; todos professam a mesma fé ao recitar o Credo dos Apóstolos. Para assegurar a veracidade dos ensinamentos após sua ascensão, Cristo enviou seu próprio Espírito: “Mas o Paráclito, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas, e vos recordará tudo o que vos tenho dito.” (Jo 14,26).

Todavia, a unidade não se limita apenas à crença nas mesmas verdades. Ser *una* significa também estar debai-

xo de uma autoridade única, autoridade dessa escolhida por Jesus mesmo: Pedro. O Bispo de Roma, sucessor direto e ininterrupto de São Pedro, a quem carinhosamente chamamos de Santo Padre, é o vigário de Cristo na Terra. A ele, devemos obediência, respeito e veneração. Como um pai que cuida de seus filhos, sua missão é árdua e exigente: governar a Igreja terrena e conduzi-la ao céu. Assim, devemos sempre acatar filialmente suas palavras, sabendo que “onde está Pedro, ali está a Igreja”.

Por fim, o último aspecto relacionado à unidade é a unidade de culto. Nos quatro cantos do mundo, independentemente de onde um católico esteja, pode ter a certeza de estar amparado: em todos os locais, a mesma missa; em toda parte, os mesmos sacramentos. No mundo todo, possui a segurança de encontrar os meios da graça toda vez que visita uma igreja ou busca um sacerdote.

Quando, portanto, há um cisma e algum determinado grupo se separa da Igreja, ela não deixa de ser *una*. As características que a tornam o único Corpo de

Cristo não cessam e a promessa de que as portas do Inferno não prevalecerão contra ela não é anulada. O que ocorre, tão somente, é que esta comunidade específica escolhe, por uma decisão própria, não mais estar vinculada àquela fundada por Deus. Como fiéis que buscam a Jesus, isso deve nos entristecer: é nosso papel sempre buscar a salvação de todas as almas, inclusive as dos cismáticos, e, como o próprio *Catecismo* nos lembra, fora da Igreja não há salvação.

O Santo Padre, sinceramente preocupado com o bem de seu rebanho, tentou o diálogo. Propôs reuniões, admoestou e pediu, humildemente, para que não se dividisse. Infelizmente, ficou como um pai que, depois de esgotar todos os meios ao seu alcance, vê o filho insistir no próprio erro. Que nós, agora, redobremos nossas orações pela Igreja no mundo todo. Aos católicos, que permaneçam sempre unidos à barca de Pedro. Aos irmãos separados que se encontram no erro, para que retornem, o quanto antes, à casa da qual jamais deveriam ter saído. Por fim, aos infiéis, para que conheçam a Verdade e obtenham a plenitude da vida.

Opinião

A guerra e os refugiados

PADRE ALFREDO JOSÉ GONÇALVES, CS

Nos últimos anos, os conflitos armados vêm se multiplicando por todo o planeta. Junto com casas, edifícios e construções em geral, eles reduzem a cinzas, de forma brutal e vertiginosa, equipamentos bélicos e munição. Nessa perspectiva, a indústria da guerra – produção, venda e consumo – continua trabalhando a todo o vapor. Fecha-se, desse modo, o círculo vicioso e maldito da violência. Em uma palavra, só ganham com a guerra os que fabricam e os que comercializam armas e munição. E tanto mais faturam quanto mais estreito se faz o círculo. Ao contrário, do ponto de vista socioeconômico, guerra e fome andam de mãos dadas.

Em meio aos escombros e ruínas, ficam os cadáveres insepultos, os mutilados disformes, as viúvas e os órfãos. Pelas estradas e pelas fronteiras, perambula a grande multidão dos refugiados. Como fugir do bombardeio implacável? Onde buscar abrigo e refúgio? Será possível encontrar uma nova pátria? Perguntas urgentes que não podem esperar, requerem respostas imediatas. Com efeito, diferentemente do migrante, o refugiado é aquele que não pode retornar sobre os próprios passos. Tem que seguir adiante. Atrás ficou o estigma da maldição gravado a



ferro e fogo, um espectro de sombras e fantasmas. Concretamente, o risco de perseguição, prisão e morte.

Segundo os dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), o número destes últimos, em todo o mundo, ultrapassa a casa dos 120 milhões de pessoas, e no Brasil, no final de 2024, chegava a mais de 150 mil. Se a esses fugitivos da guerra acrescentarmos as vítimas das mudanças climáticas, então teremos toda uma grande nação à deriva: sem raiz, sem rumo e sem lugar seguro. Cumpre recordar, por outro lado, que

a produção e comércio das armas, de uma parte, e as catástrofes climáticas, de outra, geram lucros fabulosos para um punhado de milionários e bilionários. São os “ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres”, nos termos de São João Paulo II, em visita ao México.

Mas a indústria da guerra e as mudanças climáticas geram, aos milhares e milhões, vítimas que não têm para onde ir. Pelos mares, por trilhas inóspitas e pelas fronteiras cerradas, batem e rebatem o caminho da fuga, cruzam e recruzam com outros rostos anônimos igualmen-

te desenraizados. Todos constituem, em conjunto, os “abortos” de uma humanidade obcecada pelo lucro e a ambição, ao mesmo tempo que é cega, surda e indiferente aos feridos pelos estilhaços dessa política econômica globalizada que “exclui, descarta e mata”, como alertavam com insistente frequência as palavras proféticas do Papa Francisco.

Seu sucessor, Leão XIV, por sua vez, apontou desde logo para a necessidade de “uma paz justa e desarmada”. Anseio que, de resto, já se encontra com grande ênfase na carta encíclica *Populorum Progressio* (1967), em que São Paulo VI, ao cunhar a expressão de que “o desenvolvimento é o novo nome da paz”, sublinha a necessidade de um crescimento justo, integral, inclusivo e sustentável. Nesse sentido, não basta acompanhar apenas os *indicadores econômicos*, como o PIB e a taxa de câmbio ou de juros, mas também os *indicadores sociais*, como terra e trabalho, educação e moradia, saúde e infraestrutura, alimento e vestuário, e assim por diante. O certo é que, além de vítimas e imediatas, a guerra produz também vítimas potenciais. A devastação bélica deixa um rastro de pobreza e desigualdade social, assimetria que, cedo ou tarde, às vezes a conta-gotas, causa a morte de não poucas pessoas.

Padre Alfredo José Gonçalves, CS,
é Sacerdote da Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos e vice-presidente do SPM/CNBB (Serviço Pastoral dos Migrantes)

Comportamento

A principal armadilha de nosso tempo

LUIZ VIANA

Não sei para vocês, mas para mim muitas vezes algumas passagens bíblicas ficam na memória por um longo tempo. Seja por uma dúvida objetiva, ou por parecer haver alguma mensagem escondida.

Invariavelmente essa mensagem é desvendada e esclarecida em uma homilia, numa confissão ou numa leitura.

Uma dessas passagens que ficaram muito tempo no meu coração, é aquela em que Jesus diz: “*Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos. Sim, Pai, eu te bendigo, porque assim foi do teu agrado.*” Mt 11,25-26

Sou de Exatas e sempre me perguntei: como alguém pode ser sábio e ainda assim não entender o que Jesus diz?

Por muito tempo, essa passagem ficou no campo do mistério. Lembrava-me das passagens dos Salmos que falavam dos sábios, da Sabedoria e sempre respeitei muito o conhecimento das pessoas.

Hoje, muitos anos depois, vejo com muito mais clareza o que Jesus quis dizer ao se referir a estes “sábios” e “doutores” que não conseguem perceber o que está escondido na Palavra de Deus.

Isso, que parece um detalhe, acaba por nos dar uma enorme pista a respeito da realidade dura em que vivemos no mundo de hoje.

Ao olhar as redes sociais, vemos com muita facilidade uma coisa: todos sabem tudo e entendem de absolutamente tudo. Tratam os demais como se fossem a única fonte de toda a sabedoria.

Talvez fosse sobre esse momento também que Jesus fez referência.

Demorei para entender a grande distância que há entre o conhecimento e a sabedoria. De que existem pessoas de um e de outro tipo: a primeira com grande conhecimento, mas pouca sabedoria, e a outra com grande sabedoria apesar do pouco conhecimento.

Para mim, parece estar aí a grande armadilha que o demônio armou para nós.

Já falei sobre isso antes, mas é como aquela prisão de portas abertas da qual o prisioneiro não quer sair. Mantém-se inex-

plicavelmente enjaulado como se ali, aquele lugar escuro e frio, fosse o melhor lugar do mundo para se estar. E de lá, em altos brados, critica todos os que estão do lado de fora.

Essa prisão tem um nome: arrogância.

O arrogante não comete erros, não precisa se informar mais, não necessita estudar, não tem como melhorar. Não há correção fraterna que corrija um arrogante, nem argumento que o faça notar seu erro. Não há caridade neste mundo que mova o seu coração.

O arrogante está tão cheio de si, revestido de uma estranha sabedoria vinda de vezes da sua própria cabeça, que passa a ter sérias dificuldades em separar a realidade do seu próprio imaginário.

Olha para a vida enxergando como fatos as suas próprias opiniões, projeta o futuro não com base em suposições reais, mas em desejos pessoais. Justifica suas posições frágeis com argumentos muitas vezes ilógicos. Tudo apenas para poder manter-se onde está.

É como um peixe que acha que o mundo é o seu próprio aquário e se ri daqueles que dizem haver um mar infinito.

Essa é a grande armadilha dos nossos tempos. É sobre estes que Jesus falava naquela passagem. Aqueles de grande conhecimento, mas aprisionados em sua arrogância.

Aprenderam muito, mas não entenderam nada.

É por isso que a conversão de Paulo é tão simbólica. Ele também, sábio do seu tempo, perseguidor convicto dos cristãos, teve que cair por terra, ir ao chão e ficar cego para finalmente conseguir enxergar.

Foi por Paulo que Jesus nos mostrou que, independentemente do nosso conhecimento, somos muitas vezes totalmente cegos às coisas de Deus. É disso que Jesus falava, sobre os homens que se acham autossuficientes para tudo.

Infelizmente, e em muitas vezes, nós mesmos somos esses “sábios”.

Que o Espírito Santo nos ajude a entender essa realidade e a distância entre o conhecimento e a Sabedoria. Que nos retire da prisão da arrogância e nos faça humildes, e assim, capazes de enxergarmos o que Deus quer nos dizer em nossas vidas.

Luiz Vianna é engenheiro, pós-graduado em marketing e CEO da Mult-Connect, uma empresa de tecnologia. Autor dos livros “Preparado para vencer” e “Social Transformation e seu impacto nos negócios”. É também influenciador católico no Instagram (@portal.luxmundi), músico e pai de três filhos

Você Pergunta

Quando perdoamos alguém e essa pessoa morre, saberá do nosso perdão?

PADRE CIDO PEREIRA
osaopaulo@uol.com.br

Maria mora aqui em São Paulo. Foi casada por 19 anos. Há três anos, o seu então marido a traiu, a expulsou de casa e passou a viver com outra mulher. Maria lhe perdoou, mas nunca disse isso a ele, que tempos depois faleceu. “Pai, ele saberá que foi perdoado por mim?”

Minha irmã, que sofrimento deve ter sido o seu! A traição machuca o coração da gente. E que força teve você para perdoar-lhe. Parabéns! Você cresceu diante de Deus e se libertou do peso da mágoa.

Agora, resta que você ore por ele, peça a Deus que tenha piedade dele. O perdão durante a vida e o perdão depois que ele morreu poderá ajudar seu marido a entrar na vida eterna. Até porque a misericórdia de Deus não tem limites. Certamente, agora na eternidade, ele deve ter se dado conta do erro de negar o compromisso assumido com você no casamento. Na eternidade, sem os limites humanos e a fragilidade desta vida, somos capazes de ver com clareza os erros que cometemos.

Eu penso, Maria, que o arrependimento de nossos erros acontece nesta vida mesmo. É que o orgulho muitas vezes nos impede de voltar atrás, de pedir perdão. Por isso é tão bom pedir perdão, porque, recebido o perdão, ficamos livres da culpa e podemos reconstruir nossa vida e refazer laços desfeitos. E é tão bom perdoar, porque nos libertamos da mágoa, e podemos tocar a vida com mais alegria e liberdade.

Mais uma vez, parabéns, por sua capacidade de perdoar! E que Deus ajude você a caminhar com esse coração livre de toda mágoa. Seja feliz, minha irmã.

Espiritualidade

Jesus nos recomenda ser mansos e humildes



DOM CARLOS LEMA GARCIA
BISPO AUXILIAR DA ARQUIDIOCESE E VIGÁRIO EPISCOPAL PARA A EDUCAÇÃO E A UNIVERSIDADE

O evangelho do domingo nos mostra Jesus exultante de alegria, dizendo: “Eu te dou graças, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos.” Jesus abre seu coração numa oração em voz alta, mostrando que Deus esconde a revelação de si mesmo aos sábios e entendidos, mas se revela aos humildes. Em seguida, Jesus nos diz onde encontraremos a paz: sendo humildes. Vamos procurar entender. O que significa ser pequeninos? Não querer ser grandes. Não se considerar perfeitos, não se sentir isentos de ajuda, de conselhos. Pelo contrário, ficamos inquietos quando não queremos reconhecer os

nossos erros, a nossa parcela de culpa. Devemos ter cuidado com o orgulho real: aquele que salta e nos faz perder a paz. Não podemos nos surpreender com os nossos erros. Não deveríamos sofrer demais com as humilhações. Não podem ser como terremotos: mesmo que sejam exageradas ou até mesmo completamente injustas. Não nos devem abalar os juízos dos outros, porque, como nos diz São Paulo, “quem me julga é o Senhor”, porque quem nos conhece perfeitamente é o próprio Deus. Nosso Senhor também faz uma afirmação que pode servir-nos muitas vezes de uma boa e carinhosa repreensão: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis repouso para as vossas almas” (Mt 11,29). Se queremos encontrar descanso e repouso para as nossas almas, devemos voltar o olhar para Cristo e aprender dele a ser mansos e humildes de coração. Jesus Cristo se dirigia às pessoas com profunda mansidão e humildade. Ele não se impõe aos outros à força, não exige uma submissão à sua autoridade, não se aproveita de seus po-

deres divinos para dominar. Para Jesus, a única preocupação no seu relacionamento com os outros era a de ajudá-los, consolá-los, libertá-los das suas doenças e pecados. A humildade de Cristo levava-o a tratar as pessoas com doçura, com suavidade, a esquecer-se de si mesmo para pensar no próximo e se colocar à sua disposição com simplicidade. A mansidão de Jesus Cristo também se coloca em evidência na sua paciência com os apóstolos: na lentidão dos discípulos em abrirem-se à fé; nas interpretações erradas do povo sobre o significado das suas palavras. É um grande exemplo para nós, que lidamos com pessoas que demoram em melhorar.

Tem mansidão a pessoa controlada no seu modo de falar: cultiva a rara habilidade de ouvir com interesse as razões dos outros. Sabe conversar. Expressa-se com palavras isentas de apaixonamento, não se exalta ao expor sua opinião. Isso não é uma questão de temperamento: aqueles que têm reações fortes, por serem nervosos e inquietos, também podem - e devem - chegar a ter reações controladas e serenas, porque se trata de uma virtude,

uma conquista de quem se esforça, com o auxílio da graça, a vencer suas inclinações. Devemos convencer-nos de que a ira descontrolada prejudica todo o mundo: a nós mesmos, aos outros e esfria o relacionamento com Deus.

Precisamos saber esperar a hora certa de falar: “Não repreendas quando sentes a indignação pela falta cometida. Espera pelo dia seguinte, ou mais tempo ainda. E depois, tranquilo e com a intenção purificada, não deixes de repreender. Conseguirás mais com uma palavra afetuosa do que com três horas de briga. - Modera o teu gênio.” (São Josemaría, *Caminho*, n. 10) Há coisas que só se resolvem com a passagem do tempo, no momento certo, e não com modos bruscos. Também é necessário encontrar o tom e o modo de falar: “Isso mesmo que disseste, dize-o noutra tom, sem ira, e ganhará força o teu raciocínio, e sobretudo não ofenderás a Deus. (*idem*, n. 9)

Por fim, também ajuda muito a manter o controle das irritações, contar com momentos de descanso: um passeio, uns dias de férias, uma boa leitura, além de dormir direito e respeitar os horários de trabalho.



Cardeal Scherer envia seminaristas da Arquidiocese para a Missão de Férias 2026

A EXPERIÊNCIA LEVARÁ OS FUTUROS PADRES AO ENCONTRO DE COMUNIDADES PAROQUIAIS, PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE, CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE E ENFERMOS

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Com a bênção de envio conferida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, durante a missa do domingo, 5, na Catedral da Sé, teve início a Missão de Férias 2026 dos seminaristas do Seminário Arquidiocesano Imaculada Conceição. Até o dia 12, os futuros sacerdotes da Arquidiocese de São Paulo estarão em atividade missionária em paróquias e em diferentes frentes de evangelização, como parte do processo de formação para o ministério presbiteral.

Na celebração, Dom Odilo enviou os seminaristas que atuarão nas Pastorais Carcerária e do Menor e no Hospital São Camilo. Os demais receberam o envio nas respectivas paróquias em que realizarão a missão.

Ao dirigir-se aos seminaristas, o Arcebispo destacou que a vivência missionária é parte essencial da preparação para o sacerdócio. “Os nossos seminaristas estão se preparando para o sacerdócio. Enquanto isso, também vão assimilando o que é a atitude principal da Igreja, que será também o serviço principal deles: a missão. A Igreja é missionária. E quem serve a Igreja deve ter o espírito missionário”, afirmou.

TESTEMUNHAR CRISTO

Durante o rito de envio, o Cardeal rezou para que Deus conceda aos seminaristas “a graça do Espírito Santo e a alegria do anúncio do Evangelho”, fortalecendo-os para testemunhar Cristo por meio da palavra, da misericórdia e da caridade. Em seguida, foi realizada a imposição da cruz missionária sobre cada um dos missionários.

A Missão de Férias é promovida anualmente pelo Seminário Arquidiocesano Imaculada Conceição e integra o programa formativo dos futuros presbíteros da Arquidiocese. Este ano, participam 54 seminaristas das etapas do Propedêutico, Filosofia e Teologia, distribuídos em grupos que atuarão na Paróquia São Francisco de Assis, Região Episcopal Brasilândia; na Área Pastoral São João Paulo II, Região Episcopal Belém; na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na Vila Leopoldina, Região Episcopal Lapa; na Paróquia Santa Paulina, em Heliópolis, Região Episcopal Ipiranga; na Paróquia São Joaquim, Região Episcopal Sé; e na Paróquia Natividade do Senhor, Região Episcopal Santana.

Outros grupos desenvolverão atividades missionárias na Pastoral do Menor, na Pastoral Carcerária – em unidades prisionais da capital e de Franco da Rocha – e no Hospital São Camilo,

em Santana, proporcionando aos seminaristas o contato com diferentes realidades humanas, sociais e eclesiais presentes na Arquidiocese.

SENSIBILIDADE PASTORAL

Segundo o Padre José Adeildo Machado, Reitor do Seminário de Teologia Bom Pastor, a iniciativa coloca os seminaristas em contato com o núcleo da missão da Igreja. “A beleza da missão deste ano é que novamente voltamos a tocar naquilo que é o ponto central da vida da Igreja: a vida missionária”, afirmou. O Sacerdote ressaltou ainda que a experiência missionária renova o entusiasmo dos participantes. “A gente acaba evangelizando e também é evangelizado. A missão revitaliza a vida da Igreja e dá um novo vigor à nossa caminhada.”

Entre os seminaristas enviados está Luiz Henrique Rodrigues de Lima, do quarto ano de Teologia, que participará da missão com a Pastoral Carcerária. Para ele, a experiência possibilita conhecer uma realidade muitas vezes distante da vida cotidiana e faz crescer a sensibilidade pastoral. “É importante que nós tenhamos esse contato com essas pessoas, para compreendermos essa realidade e enxergarmos o Cristo nelas. Espero que essa missão produza bons frutos e nos sensibilize pela dor

do outro”, disse.

Ao longo da semana, os seminaristas participarão de visitas às famílias, celebrações, momentos de oração, ações evangelizadoras e atividades pastorais, levando a presença da Igreja às comunidades paroquiais, aos enfermos, às crianças e adolescentes atendidos pela Pastoral do Menor e às pessoas privadas de liberdade. A experiência busca fortalecer a formação humana, espiritual e pastoral dos futuros sacerdotes, favorecendo o encontro com as diversas realidades da Arquidiocese de São Paulo e reforçando o compromisso missionário da Igreja.

DIÁCONOS

A dimensão missionária da formação sacerdotal também se expressa em outras iniciativas promovidas pela Arquidiocese. Em 21 de junho, quatro diáconos seminaristas foram enviados para um período de cerca de dois meses de missão em dioceses da região amazônica. Realizada na etapa final da formação presbiteral, essa experiência favorece o contato com a realidade pastoral de outras Igrejas particulares, fortalecendo nos futuros sacerdotes o espírito missionário, a disponibilidade para o serviço e a consciência da missão evangelizadora da Igreja para além dos limites da Arquidiocese de São Paulo.



O MELHOR SISTEMA DE GESTÃO ECLESIAL DO BRASIL - 1987
Fortalecendo dioceses, paróquias e comunidades.

SOLUÇÕES ECLESIAIS

Financeiro
Controle Financeiro por centro de custos

Contábil ECD, ECF

Folha de pagamento EFD-Reinf

Gestão de Eventos
Sistema para eventos, quermesses, festas juninas etc.

Orgdom
APP diocesano e paroquial

OrgSmart
Captura de notas fiscais eletrônicas

Conciliação bancária eletrônica

Gestão pastoral, chancelaria, controle patrimonial e tribunal

ENTRE EM CONTATO



www.orgeclesial.com.br
reinaldo@orgeclesial.com.br

Orgeclesial
@orgeclesial

Escritório Franco
Rua Minas Gerais, 2041, Vila Aparecida, Franco SP
16 99275-1899
16 2103-6166

Escritório São Paulo
Av. Paulista, 765, 7 Andar, Bela Vista, São Paulo SP
16 99266-8613
11 2450-7344

CNBB e Pastoral do Menor se manifestam sobre a proposta de redução da maioridade penal

EM TRAMITAÇÃO NA CÂMARA DOS DEPUTADOS, A PEC PREVÊ A RESPONSABILIZAÇÃO PENAL DE ADOLESCENTES DE 16 E 17 ANOS EM HIPÓTESES ESPECÍFICAS E AINDA SERÁ ANALISADA POR COMISSÃO ESPECIAL

REDAÇÃO
OSAOPAULO@UOL.COM.BR

A retomada da discussão sobre a redução da maioridade penal na Câmara dos Deputados motivou novas manifestações da Igreja Católica no Brasil. A presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Pastoral do Menor da Arquidiocese de São Paulo divulgaram, nos últimos dias, documentos em que apresentam reflexões sobre a proposta que altera as regras de responsabilização penal de adolescentes.

O debate foi retomado após a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) aprovar a admissibilidade da PEC 32/2015, principal matéria em tramitação sobre o tema. A proposta seguirá para análise de uma comissão especial antes de eventual votação pelo Plenário da Câmara.

Em carta dirigida aos parlamentares, a presidência da CNBB reafirma o entendimento de que adolescentes autores de atos infracionais já são responsabilizados pela legislação brasileira, por meio das medidas socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase). Para a Conferência, o principal desafio está na efetiva implementação desses instrumentos e no fortalecimento das políticas públicas voltadas à infância e à juventude.

EDUCAÇÃO E PROTEÇÃO DA JUVENTUDE

Segundo os bispos, muitos adoles-

centes envolvidos em atos infracionais também são vítimas de contextos marcados pela pobreza, exclusão social, violência, evasão escolar, dependência química e cooptação pelo crime organizado. Nesse sentido, a carta defende que o enfrentamento da violência passa pelo investimento em educação de qualidade, pelo apoio às famílias, pela ampliação de oportunidades para os jovens e pela efetiva aplicação das medidas socioeducativas já previstas na legislação brasileira, em vez de respostas centradas apenas no endurecimento penal.

Também a Pastoral do Menor da

Arquidiocese de São Paulo tornou pública uma carta aberta na qual manifesta preocupação com o avanço da proposta. O documento sustenta que a redução da maioridade penal representa um retrocesso na política de proteção integral à infância e à adolescência e recorda que o Estatuto da Criança e do Adolescente já prevê mecanismos específicos de responsabilização para adolescentes em conflito com a lei. A Pastoral também menciona o artigo 228 da Constituição federal e tratados internacionais de proteção à infância como fundamentos de sua posição.

A pastoral afirma que o enfrenta-

mento da violência exige a promoção da dignidade humana e da cultura do cuidado, defendendo investimentos em educação, inclusão social, fortalecimento das famílias e oportunidades para crianças e adolescentes. Ao final da manifestação, conclama os parlamentares a rejeitarem propostas de redução da maioridade penal e reafirma o compromisso da Igreja com a proteção integral da infância e da juventude.

O QUE PREVÊ A PEC EM TRAMITAÇÃO?

A Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 32/2015 altera o artigo 228 da Constituição federal para permitir que adolescentes de 16 e 17 anos possam ser submetidos à responsabilização penal prevista na legislação comum nas hipóteses estabelecidas pelo novo texto constitucional. Atualmente, menores de 18 anos são responsabilizados por atos infracionais conforme as medidas socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Na prática, a proposta modifica o atual modelo de responsabilização de adolescentes em situações específicas, mantendo o sistema socioeducativo para os demais casos previstos na legislação.

Na exposição de motivos, os autores afirmam que a alteração é necessária diante do aumento da participação de adolescentes em crimes considerados graves, do recrutamento de menores por organizações criminosas e da avaliação de que jovens de 16 e 17 anos já exercem direitos e responsabilidades reconhecidos pela legislação brasileira, como o voto facultativo, o trabalho e, em determinadas situações, a emancipação.

Após a aprovação da admissibilidade pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ), a PEC seguirá para análise de uma comissão especial da Câmara dos Deputados. Se aprovada pelos deputados e senadores, em dois turnos de votação em cada Casa, a proposta será promulgada e passará a integrar a Constituição federal.

O SÃO PAULO

www.osaopaulo.org.br

No site do jornal **O SÃO PAULO**, você acessa conteúdos atualizados sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, algumas notícias e artigos publicados recentemente.

São Paulo reforça importância de manter a vacinação em dia durante as férias de julho

<https://curt.link/KHVxr>

Comissão da CNBB fortalece ações da Campanha Coração Azul com alerta sobre tráfico de pessoas

<https://curt.link/cPPHv>

Vicariato para a Pastoral da Saúde e dos Enfermos celebra Festa de Santa Paulina

<https://curt.link/MchKJ>

Sacerdote e religiosos sequestrados em junho são libertados em Camarões

<https://curt.link/OnmFC>

Livraria Loyola
sempre um bom livro para você .com.br

Loja Senador

R. Senador Feijó, 120 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01006-000
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasenador03@livrarialoyola.com.br

Loja Quintino

R. Quintino Bocaiúva, 234 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01004-010
WhatsApp (11) 95395-8927
lojaquintino05@livrarialoyola.com.br

Loja Santos

R. Padre Visconti, 08 - Embaré
Santos, SP - CEP 110040-150
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasantos04@livrarialoyola.com.br

Loja Campinas

R. Barão de Jaguara, 1389 - Centro
Campinas, SP - CEP 13015-002
WhatsApp (19) 3236-3567
lojacampinas03@livrarialoyola.com.br

A livraria mais completa do Brasil em livros e artigos católicos

Mais de um milhão de cópias vendidas



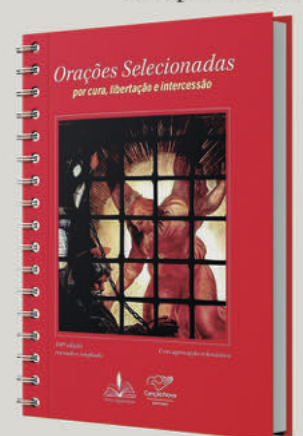
SÃO PIER FRASSATI
De: R\$ 34,90
POR: R\$ 27,90



A DIVINA EUCARISTIA
De: R\$ 182,00
POR: R\$ 145,60



O SANTO ROSÁRIO
R\$ 39,90



ORAÇÕES SELECIONADAS
De: R\$ 26,90
POR: R\$ 21,50

Para pedidos ligue: (11) 3105-7198 / 98459-5171 ou acesse: www.livrarialoyola.com.br



Pela primeira vez na América Latina, 'Coro da Capela Sistina' se apresenta na Sé

FIÉIS LOTARAM A CATEDRAL PARA ACOMPANHAR A MISSA E O CONCERTO DO CORO RESPONSÁVEL PELA MÚSICA DAS PRINCIPAIS CELEBRAÇÕES PONTIFÍCIAS

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A Catedral da Sé ficou completamente lotada no domingo, 5, para acolher a celebração da missa presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, animada liturgicamente pela *Cappella Musicale Pontificia "Sistina"*, coro responsável pela música das principais celebrações presididas pelo Papa no Vaticano. Ao término da missa, o conjunto apresentou um concerto aberto ao público, proporcionando aos fiéis e apreciadores da música sacra uma experiência de fé, cultura e tradição.

Pela primeira vez em seus cerca de 600 anos de história, o "Coro da Capela Sistina", como é popularmente conhecido, realiza uma turnê pela América Latina. A apresentação na Catedral da Sé marcou um dos momentos centrais dessa visita ao Brasil, promovida no contexto das comemorações dos 200 anos das relações diplomáticas entre o Brasil e a Santa Sé.

MAESTRO BRASILEIRO

Na saudação ao final da celebração, Dom Odilo manifestou a alegria de receber, em São Paulo, o coro que habitualmente canta nas missas presididas pelo Santo Padre na Basílica de São Pedro. O Arcebispo também ressaltou o vínculo especial da cidade com o grupo, cujo diretor musical, Monsenhor Marcos Pavan, é paulistano.

Dom Odilo recordou que Monsenhor Pavan, sacerdote originário do clero da Diocese de Campo Limpo, iniciou sua trajetória musical em São Paulo como cantor lírico, estudou na capital paulista e, posteriormente, foi para Roma, onde hoje dirige a *Cappella Musicale Pontificia "Sistina"*. "Quando vocês assistem à missa do Papa pela televisão, na Basílica de São Pedro, são eles que es-



Luciney Martins/O SÃO PAULO

tão cantando lá; portanto, hoje nos sentimos um pouco como na Basílica de São Pedro também", afirmou.

Sob a regência de Monsenhor Pavan, o coro apresentou obras do canto gregoriano, da polifonia renascentista – com composições de Giovanni Pierluigi da Palestrina e Tomás Luis de Victoria – e peças dos séculos XIX e XX.

CANTO BRASILEIRO

Um dos momentos mais marcantes foi a execução, em português, da obra "Alegrai-vos", do Padre José Weber, um dos principais compositores da música litúrgica brasileira contemporânea. A interpretação contou com a presença do próprio compositor na Catedral da Sé.

A turnê também reúne o cantor brasileiro Alessio D'Aniello, natural de Araxá (MG), primeiro brasileiro a integrar o coro pontifício. Segundo ele, a preparação da obra de Padre Weber mobilizou adultos e crianças do conjunto, que receberam orientações específicas para a correta pronúncia do português.

MÚSICA SACRA

Em entrevista concedida por oca-

sião da turnê, Monsenhor Marcos Pavan destacou que o propósito do coro vai além do serviço prestado às celebrações do Papa. "A missão primordial do coro é cantar nas celebrações do Papa, mas também difundir a música sacra, o patrimônio musical da Igreja no mundo. É um modo também de evangelizar", afirmou. Para o Sacerdote, trazer o conjunto ao Brasil representa "uma alegria muito grande", especialmente por encontrar "um povo tão acolhedor, tão cristão e tão sedento de coisas bonitas, de música boa e de liturgia bem celebrada".

O CORO

Considerada a instituição coral mais antiga do mundo em atividade, a *Cappella Musicale Pontificia "Sistina"* tem suas origens entre os séculos VI e VII e foi reorganizada pelo Papa Sisto IV, em 1471. Desde então, tornou-se referência da música sacra ocidental e permanece a serviço das celebrações pontifícias na Basílica de São Pedro e na Capela Sistina.

A instituição mantém uma tradicional escola de formação vinculada

ao Vaticano para os *Pueri Cantores*, meninos entre 8 e 13 anos que recebem formação acadêmica, musical e religiosa. Dos cerca de 60 alunos, parte já integra o coro, enquanto os demais se preparam para ingressar no conjunto ou permanecem na escola até concluírem o ciclo de estudos.

PROGRAMAÇÃO

Antes de chegar à Catedral da Sé, a *Cappella Musicale Pontificia "Sistina"* iniciou sua turnê brasileira com um concerto na Catedral Metropolitana de Campinas (SP) e uma apresentação no Sesc Pinheiros, em São Paulo, no sábado, 4. Após a passagem pela capital paulista, o conjunto prossegue para Curitiba (PR), Brasília (DF) e Rio de Janeiro (RJ). A programação inclui ainda um concerto comemorativo dos 80 anos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no Teatro Tuca, em apresentação exclusiva para convidados, e será encerrada na Sala São Paulo, no dia 14, às 20h30. Com entrada gratuita, os ingressos para este concerto estão disponíveis desde o dia 7, pelos canais oficiais da Sala São Paulo.

A maior feira católica do mundo

Centenas de expositores, palestras e personalidades confirmadas

Entrada gratuita!

EXPO CATÓLICA

Acesse:

23 A 26 DE JULHO DE 2026 PRO MAGNO CENTRO DE EVENTOS-SÃO PAULO/SP

expocatolica.com.br

Fé e Cidadania



Use o QRCode para acessar o Caderno Fé e Cidadania na internet, com mais artigos e links citados.

Segurança Pública e Insegurança Social nos Marcos da Sociedade de Risco

Arte: Sergio Ricciuto Conte



A segurança pública é um direito humano fundamental – e mantê-la exige muito mais do que policiamento. Este Caderno Fé e Cidadania reúne textos que mostram não haver segurança duradoura sem justiça social, nem justiça social sem ordem pública. Da Doutrina Social da Igreja às evidências internacionais, passando por experiências concretas, seus textos mostram que a dignidade humana – vista em uma perspectiva integral – é, ao mesmo tempo, o fundamento e o critério de qualquer política de segurança eficaz.

Wagner Balera*

Entre as funções essenciais do Estado destaca-se a segurança pública, condição necessária para a efetivação dos direitos humanos. A preservação da ordem pública, da integridade das pessoas e do patrimônio não se resume à repressão da criminalidade. Compreende, naturalmente, a garantia de condições aptas ao bom convívio social.

A sociedade de nossos dias enfrenta desafios que exigem mais do que os modelos tradicionais de segurança pública oferecem. Como adverte Ulrich Beck, a modernidade gerou um ampliado catálogo de riscos decorrentes do processo de desenvolvimento econômico, científico e tecnológico. Para além da produção de riquezas, é manifesto que novos riscos abarcam amplos setores da vida social.

Na esfera da segurança pública, esses riscos se expressam na expansão da criminalidade organizada, que assume escala transnacional, no uso abusivo de tecnologias para a delinquência, criando até mesmo o submundo do crime nas redes sociais, bem como no

emprego da tecnologia para apropriação e desvio de informações amalhadas em bases de dados que substituem o delito físico pelo delito virtual. É outro o tipo de violência que se vê.

A insegurança social não se pauta tão somente pela ocorrência dos atos criminosos. São as próprias estruturas de proteção que revelam cabais vulnerabilidades. Acrescente-se, ainda, a infame desigualdade social, os precários meios educativos e a ampliação de um mercado de trabalho informal, desprovido de garantias mínimas e de amparo social.

A Constituição brasileira fixa a segurança, já em seu Preâmbulo, como valor, como direito e como responsabilidade de todos. O mesmo texto exige que a ordem pública derive de articulada atuação entre as instâncias estatais e a própria comunidade.

Posta a questão nesses termos, não se pode aceitar que a segurança pública seja qualificada como mera atividade repressiva. É, antes, garantia do exercício pleno da cidadania. Nessa perspectiva, permanece atual a lição da encíclica [Pacem in terris](#), segundo a qual a convivência social deve assentar-se sobre os fundamentos da verda-

de, da justiça, do amor e da liberdade. A verdade impõe o reconhecimento das causas reais da violência e da exclusão; a justiça reclama a efetivação dos direitos fundamentais; o amor social inspira a solidariedade entre as pessoas e as instituições; e a liberdade assegura que as políticas de segurança sejam desenvolvidas com respeito à dignidade humana. Esses vetores contribuem para compreender a segurança pública como instrumento de promoção da paz social e não apenas como mecanismo de repressão.

Portanto, a vida, a liberdade e a integridade das pessoas exigem proteção pela via legítima dos vetores do Estado democrático de direito, vale dizer, da legalidade, da proporcionalidade e, sobretudo, do respeito à dignidade da pessoa humana.

Os riscos contemporâneos se mostram revestidos de pluralidade de enfoques. Não é apenas o fenômeno da criminalidade que deve ser repensado. Suas causas, tais como a marginalidade, a exclusão social e as precárias condições de vida, habitação, transporte e trabalho, tornam as pessoas cada vez mais vulneráveis.

Eis a razão pela qual a efetividade

dos direitos sociais depende, mais do que nunca, da capacidade do Estado de investigar as causas e coibir os efeitos das questões relacionadas à segurança pública.

Enfrentar tais desafios faz parte dos contornos da sociedade de risco e exige governança apta a alinhar prevenção, proteção e inclusão social em um contínuo de eficiência.

A partir do desempenho eficiente dos setores responsáveis pelo fornecimento do cardápio de direitos humanos essenciais – educação, saúde, moradia, trabalho e seguridade social – é bem possível que a repressão criminal se torne menos necessária e que seja conquistada a tão desejada sociedade livre, justa e solidária.

A par dessas políticas, é indispensável a integração entre as estruturas públicas em prol do objetivo constitucional da eficiência, de modo a proporcionar que segurança pública e justiça social caminhem como componentes complementares de atuação em favor do incremento sempre mais amplo dos direitos humanos.

* Professor titular de Direitos Humanos na Faculdade de Direito da PUC-SP.

A dimensão integral da Doutrina Social da Igreja e os desafios da segurança pública

Os princípios da Doutrina Social da Igreja (DSI), mesmo sem tratar diretamente da segurança pública, oferecem critérios de julgamento que nos ajudam a enfrentar de forma adequada esse grande desafio. Não se trata de soluções técnicas, mas diretrizes de ação que partem da dignidade da pessoa humana e de uma visão integral da situação (“abordagem multissetorial”, na linguagem técnica). Para o Estado, a segurança é um desafio técnico e operacional: gestão de equipamentos, efetivos, inteligência, orçamento, policiamento ostensivo. A DSI não nega a importância dessas dimensões, nem quer respondê-las no lugar do Estado e da sociedade civil, mas oferece princípios que podem ser decisivos para a construção de um mundo mais justo e seguro.

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Na base de qualquer ação social deve estar o reconhecimento da dignidade inviolável da pessoa. Essa afirmação vem carregada de implicações problemáticas. Em uma sociedade insegura, não seria lícito desrespeitar a dignidade do agressor para preservar a da vítima? Quem defende a dignidade do criminoso não estaria desmerecendo a dignidade das vítimas e dos policiais que as defendem? Quando a punição deixa de ser ato restaurativo e se torna mera vingança, não alimenta apenas a espiral de violência

A DSI responde que quando não reconhecemos a dignidade do outro, perdemos nossa própria humanidade e nos afastamos de Deus (cf. [Compêndio da Doutrina Social da Igreja](#), CDSI 40). Vítimas e agressores, suspeitos e policiais – todos partilham essa dignidade intrínseca que deve ser respeitada (cf. [Dignitas Infinita](#), DI 15,34). O desrespeito à dignidade, mesmo quando parece justificável, criará um ambiente nefasto no qual todos terminarão por ter sua dignidade desrespeitada.

Esse respeito, contudo, pode parecer um idealismo ilusório se não vem acompanhado de um amor inteligente e eficaz, que mira o bem comum e o desenvolvimento de todos os seres humanos em todas as suas dimensões. E a DSI tem outros princípios que podem nos iluminar neste caminho...

O bem comum e o amor aos pobres. A segurança pública só é legítima quando orientada ao bem comum, não ao interesse de alguns poucos ([Pacem in Terris](#), PT 60-65), e São João Paulo II lembra que “os indivíduos, quanto mais indefesos aparecem em uma sociedade, tanto mais necessitam da atenção e do cuidado dos outros e, particularmente, da intervenção da autoridade pública” ([Centesimus Annus](#), CA 10). São Paulo VI ([Populorum Progressio](#), PP 76ss) já dizia que “o novo nome da paz é o desenvolvimento” – e o desenvolvimento de uma comunidade depende de que seus membros se sintam seguros com a ação do Estado, não apesar dela.

Os pobres, que Deus ama e nos chama a amar com especial atenção (cf. [Dilexi te](#), DT 76), são as maiores vítimas tanto da violência criminal – homicídios, tráfico e extorsão recaem desproporcionalmente sobre popu-

lações periféricas, negras e jovens – quanto do uso abusivo da força estatal – encarceramento em massa, letalidade policial, criminalização da pobreza. Muitas vezes, quem mais precisa de segurança é quem menos a recebe. As notificações de furtos e roubos concentram-se nos bairros centrais, mas homicídios, aliciamento de jovens e controle territorial pelo crime organizado pesam muito mais sobre as periferias.

Uma política de segurança pública que não olhe com especial atenção e cuidado às periferias e aos mais pobres, procurando garantir sua segurança e bem-estar, acabará fracassando também em garantir a segurança para toda a sociedade. Francisco, na [Fratelli tutti](#), diz que “para ser irmão de todos, é preciso primeiro ser irmão dos últi-

[Familiaris Consortio](#) (FC 43) chama a família de “lugar nativo e o instrumento mais eficaz de humanização”. O enfraquecimento dos vínculos familiares figura entre os principais preditores de envolvimento com o crime — não porque as famílias pobres sejam mais desestruturadas, mas porque, mesmo estruturadas e presentes, vivem sob domínio do crime organizado. Isso mostra que o indispensável fortalecimento familiar não é suficiente sem o enfrentamento das causas estruturais. Não haverá uma sociedade segura sem políticas que fortaleçam a família como primeiro agente de socialização e de transmissão de valores – isso não é moralismo, é reconhecer que nenhum aparato policial substitui o que uma família estável faz na formação do sujeito.

Imagem gerada por Inteligência Artificial



mos” (cf. FT 287). Não é apenas uma norma moral, mas um critério de eficiência sempre que desejamos construir o bem comum.

As estruturas de pecado e as causas da violência. São João Paulo II, em [Sollicitudo Rei Socialis](#) (SRS 36-37), introduz o conceito de “estruturas de pecado”: configurações sociais que sistematicamente produzem injustiça. A violência urbana não brota do vácuo – ela tem raízes em desigualdade, desemprego, segregação territorial, ausência de serviços públicos e ruptura do tecido familiar.

Uma política de segurança que ataca apenas os efeitos sem enfrentar as causas estruturais é insuficiente. Se, como escreve São Paulo VI, “o desenvolvimento é o novo nome da paz”, então sem desenvolvimento, não há paz duradoura; sem paz, não há desenvolvimento.

A justiça restaurativa e o perdão como horizonte. O modelo penal centrado na justiça punitiva encontra nos pronunciamentos papais uma interpegação crescente. São João Paulo II, na [Mensagem para o Jubileu nos Cárceres do Ano 2000](#), pediu que os Estados re-

visem suas políticas carcerárias à luz da ressocialização. A finalidade da pena é dúplice: favorecer a reinserção das pessoas condenadas e promover uma justiça reconciliadora (CDSI 403). A justiça restaurativa – que visa a reparar relações, não apenas punir – é mais coerente com a antropologia cristã, que reconhece em todo criminoso um ser capaz de conversão. Não elimina a responsabilização, mas orienta seu horizonte: a reintegração do infrator e a reparação do dano à comunidade, sempre com especial atenção ao sofrimento das vítimas

A verdade e a transparência institucional. Bento XVI lembra que “sem verdade, sem confiança e amor pelo que é verdadeiro, não há consciência e responsabilidade social, e a atividade social acaba à mercê de interesses privados e lógicas de poder” ([Caritas in veritate](#), CV 5). Aplicado às instituições de segurança, a verdade exige transparência nos dados de letalidade, responsabilização efetiva por abusos e fim da cultura de encobrimento corporativo. Instituições que sistematicamente ocultam seus erros contradizem o princípio da verdade e minam a confiança pública que é condição de qualquer ordem legítima.

Conclusão. O Papa Francisco observa que “o respeito da dignidade humana deve agir não só como limite à arbitrariedade e aos excessos dos agentes do Estado, mas como critério de orientação para perseguir e reprimir aqueles comportamentos que representam os ataques mais graves à dignidade e integridade da pessoa humana” ([Discurso à delegação da Associação Internacional de Direito Penal](#), 23/out/2014). Uma política de segurança alinhada à “civilização do amor” é aquela que, ao mesmo tempo:

- ✓ Protege as vítimas (especialmente as mais vulneráveis);
- ✓ Responsabiliza os culpados (com proporcionalidade e respeito à dignidade);
- ✓ Previne estruturalmente (atacando as causas da violência);
- ✓ Restaura quando possível (orientando-se para a reintegração).

Qualquer modelo que maximize apenas uma dessas dimensões em detrimento das outras será parcial – e, portanto, insuficiente à luz do magistério.

*Sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO

O social é indispensável

O crime prolifera onde a ordem pública não é mantida. Mas a "ordem pública" exige justiça social, oportunidade para os jovens, ambiente adequado para o desenvolvimento das famílias. Onde faltam estes elementos, o Estado deve agir não apenas com a ação policial, mas buscando o desenvolvimento humano integral para todos.

Redação

O Jardim Ângela, em São Paulo, foi apontado pela ONU no ano 2000 como o lugar mais violento do mundo, com 116 assassinatos por 100 mil habitantes. O que transformou esse território não foi uma grande operação policial, mas a mobilização da própria comunidade – educação, projetos para jovens, cultura, espaços de convivência – combinada com policiamento de proximidade inspirado no modelo japonês Koban, em que o policial conhece e é conhecido pelos moradores. A queda dos homicídios tornou-se referência nacional.

Medellín, na Colômbia, é o exemplo mais impressionante do mundo. Nos anos 1980, a cidade registrava 381 homicídios por 100 mil habitantes – índice de zona de guerra. Déca-

das depois, a taxa caiu mais de 90%. Construiu teleféricos ligando favelas ao centro urbano, bibliotecas-parque e equipamentos comunitários em territórios antes dominados pela violência – simultaneamente ao fortalecimento da inteligência policial. Dificilmente teria saído desse patamar, ou mantido a queda, sem essa combinação de urbanismo social e policiamento eficaz.

No Rio de Janeiro, as UPPs ensinaram a mesma lição pelo avesso. Nos primeiros anos, a presença policial em favelas antes dominadas pelo tráfico produziu queda real de homicídios e aprovação da população. Mas o programa expandiu rápido demais, e seu componente social chegou a poucas comunidades e foi o primeiro a sofrer cortes. Sem investimento contínuo em serviços públicos, educação e infraestrutura, a presença policial isolada não sustentou os ganhos: as favelas foram retomadas pelas facções.

O *Atlas da Violência 2025* (Ipea/ Forum Brasileiro de Segurança Pública) aponta que todas as seis unidades da federação que conseguiram reduções sistemáticas de homicídios desde 2013 – São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraíba, Distrito Federal e Goiás – fizeram isso com planos estratégicos que combinavam boa gestão por resultados, policiamento orientado por inteligência e programas multissetoriais de prevenção social. O Espírito Santo, com o Estado Presente (2011), é paradigmático: presença do Estado como serviço, não como ocupação armada.

Entre 2017 e 2023, o número de homicídios no Brasil caiu de 65.602 para 45.747 – redução de 30% em seis anos. O fio condutor da queda sustentada foi sempre o mesmo: não apenas mais policiais na rua, mas programas sociais em paralelo, continuidade de

gestão e participação da comunidade. Onde os programas sociais foram cortados ou descontinuados, os índices voltaram a subir.

Quem acredita que o problema da violência é exclusivamente social precisa reconhecer uma realidade difícil: sem ordem pública mínima, os programas sociais não chegam. Escola em território dominado por facção não funciona; posto de saúde em área de tiroteio não atende; projeto para jovens em bairro em que ninguém sai à noite não se sustenta. A segurança é a condição que viabiliza o desenvolvimento social, assim como o desenvolvimento social é a condição que torna a segurança duradoura.

Não há, portanto, escolha entre os dois caminhos. Há apenas um caminho – e ele exige os dois, integrados, contínuos e orientados para a dignidade de cada pessoa que vive nos territórios mais vulneráveis do nosso país.



Imagem gerada por Inteligência Artificial

Rigor, mas com inteligência

Muitas vezes pensamos que o rigor policial é a solução para a insegurança. A proteção da população não pode ser descuidada, mas não basta uma ação policial rigorosa. O debate público sobre segurança que opõe repressão a desenvolvimento social encobre a distinção entre policiamento coercitivo – com uso indiscriminado da força – e o Policiamento Orientado pela Inteligência (POI), que permite saber, antes de agir, onde o crime está, quem é o criminoso, como enfrentá-lo melhor – uma abordagem mais eficiente e que protege melhor os cidadãos.

Redação

A cidade de São Paulo saiu de 66,7 homicídios por 100 mil habitantes em 1999 para cerca de 4 em 2024 – queda superior a 90% em 25 anos, atravessando governos de diferentes partidos. Vários fatores convergiram para isso: a menor vulnerabilidade social, graças à queda do desemprego e a programas sociais; a redução da proporção de jovens na população, os quais são mais expostos à violência; o policiamento comunitário, que aproxima a polícia das comunidades; e as ferramentas de inteligência policial como o Infocrim, o Detecta e a Muralha Paulista. A letalidade policial não apresentou correlação consistente com essa queda – oscilou de forma irregular, respondendo ora a ações do crime organizado, ora a decisões institucionais mais ou menos tolerantes com o uso da força. O que reduziu a taxa de homicídios foi

o conjunto de fatores acima, não uma polícia mais violenta.

O Rio de Janeiro reforça o argumento. Após a ADPF 635, que limitou operações em favelas, as mortes por intervenção policial caíram 61% – e os homicídios dolosos também recuaram, sugerindo que conter o uso indiscriminado da força não enfraquece a segurança. No México de Felipe Calderón (2006–2012), a guerra aberta aos cartéis fez os homicídios mais que dobrarem. Na Cracolândia, o limite do modelo coercitivo é igualmente claro. Três décadas de operações – Tolerância Zero, Sufoco, Dor e Sofrimento, Caronte – produziram sempre o mesmo resultado: dispersão temporária, seguida de reagrupamento. A Cracolândia não acabou: fragmentou-se.

A busca de modelos externos reforça essa conclusão. Nova York nos anos 1990 é frequentemente invocada como prova da tolerância zero – mas o que funcionou foi o Compstat: policia-

mento orientado por dados, inteligência antes de força. Cingapura, modelo de segurança admirado mundialmente, combina polícia sem corrupção, proibição de armas e políticas habitacionais que evitam a concentração de pobreza – um pacote institucional que não se reduz à repressão. El Salvador, sob Bukele, é o único caso recente em que a repressão massiva foi o mecanismo central. Mas seu regime de exceção, além de colocar em risco os direitos humanos e a oposição legítima ao governo, elevou a taxa de encarceramento salvadorenha a 1.659 presos por 100 mil habitantes, a maior do mundo e quase quatro vezes a taxa brasileira (416) – chegando a 1,7% de toda a população do país. Replicar essa proporção no Brasil, que já tem a terceira maior população carcerária do mundo e um déficit crônico de vagas, exigiria quadruplicar o número de presos – algo inviável logística e financeiramente. O modelo também dependeu de gangues já fragilizadas;

enquanto no Brasil PCC e Comando Vermelho são muito fortes. O padrão que emerge da comparação internacional é claro: onde a segurança melhorou de forma sustentada, o mecanismo foi além do uso da força.

Mas se o POI funciona quando aplicado em São Paulo, por que os furtos cresceram 10% na capital em 2025, disseminando a sensação de insegurança? Porque furtos são crimes oportunistas e dispersos, alimentados por vulnerabilidade econômica. Enfrentá-los exige georreferenciamento para mapear padrões e orientar o patrulhamento, mas também políticas de inclusão para populações mais vulneráveis ao recrutamento pelo crime.

O rigor necessário não é o da força indiscriminada. É o do POI: saber onde agir, usar a força com proporção e não confundir eficiência com brutalidade. Esse caminho funciona quando aplicado com continuidade e seriedade. O desafio é fortalecê-lo, corrigindo seus desvios e ampliando seus êxitos.



Imagem gerada por Inteligência Artificial

A revolução silenciosa das APACs

Mesmo entre os católicos, poucos sabem que existe uma experiência no sistema prisional com reconhecimento mundial que nasceu diretamente do amor cristão. Em 1972, no Brasil, nascia a APAC (sigla para "Amando ao Próximo, Amarás a Cristo", que também denomina a organização civil). Uma experiência revolucionária: presídios administrados pela sociedade civil) com custos menores que o sistema prisional tradicional e muito mais sucesso na reintegração do presidiário à sociedade. Trata-se de um modelo que, provavelmente, nunca poderá ser estendido a todo o sistema prisional de um país – mas que mostra claramente que o amor ao próximo pode efetivamente responder aos grandes desafios do nosso tempo, não com idealismo ingênuo, mas com um verdadeiro realismo nascido da fé cristã.

Valdeci Antônio Ferreira*

Tudo começou em São José dos Campos (SP), com um grupo de voluntários liderados pelo advogado Mário Ottoboni. O cenário era a Cadeia de Humaitá, marcada por violência, fugas e rebeliões. O grupo não tinha experiência com o mundo do crime, nem com as prisões. Mas tinham algo que o Estado não oferecia: a disposição de tratar os condenados como seres humanos. Acreditavam que ninguém é irreversível e que o caminho não era apenas a punição, mas a presença humana, estrutura e fé. Em 15 de outubro de 1974, nascia a primeira APAC. O que começou como uma iniciativa local tornou-se um método reconhecido pela ONU, através da *Prison Fellowship International* (PFI), como alternativa ao modelo prisional tradicional.

QUEM ENTRA: A SELEÇÃO DOS RECUPERANDOS

A APAC não aceita qualquer preso. A seleção é criteriosa e, para alguns, paradoxal: a unidade não foi concebida apenas para crimes leves. Ao contrário – em Minas Gerais, estado que concentra a maior parte das APACs brasileiras, é comum que condenados por crimes graves, incluindo homicídio, integrem o sistema. O que conta não é a natureza do delito, mas a disposição para a mudança.

O processo envolve entrevistas, análise de histórico e avaliação do vínculo familiar. O juiz da execução penal autoriza a transferência, e o recuperando sabe que, caso descumpra as regras, retornará ao sistema comum. A adesão voluntária é um pilar do sucesso do modelo.

OS NÚMEROS QUE O SISTEMA NÃO CONSEGUIE IGNORAR

Os resultados das APACs são muito superiores aos do sistema prisional convencional em todos os indicadores relevantes. A tabela abaixo sintetiza os dados mais documentados:

Enquanto o modelo tradicional tem taxas de reincidência elevadas (cerca de 80%), nas APACs esse índice é drasticamente menor (abaixo de 15%). Dados do Conselho Nacional de Justiça



(CNJ) e da Secretaria Nacional de Políticas Penais (Senappen) indicam que o custo de um preso no sistema estatal pode chegar a R\$ 4,3 mil mensais. Nas APACs de Minas Gerais, mantém-se em R\$ 1.580,00. Em um ano, a economia apenas em Minas chega a R\$ 108 milhões. Fugas são raras. Quando o recuperando possui dignidade, vínculos familiares preservados e perspectiva de futuro, o incentivo para fugir ou reincidir diminui significativamente.

UMA IDEIA BRASILEIRA QUE ATRAVESSA FRONTEIRAS

A Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados (FBAC), criada em 1995, coordena as unidades no Brasil e promove a expansão internacional. Atualmente, o método APAC já funciona em países como Camarões, Chile, Colômbia, Coreia do Sul, Itália, México e Portugal, além de estar em processo de implementação em diversas outras nações. É um exemplo de como uma iniciativa sem recursos, pautada no amor ao próximo e transformada em método rigoroso, tornou-se um dos modelos penais mais respeitados do mundo.

UM SINAL PARA OS NOSSOS TEMPOS

As APACs não pretendem ser a solução única para a crise carcerária, pois exigem condições específicas: voluntários comprometidos, estrutura adequada e o desejo genuíno de mudança por parte do preso. Elas provam, contudo, que é possível substituir

a lógica da mera contenção pela lógica do vínculo humano estruturado.

Como dizia Mário Ottoboni, o objetivo é "matar o criminoso para salvar o homem". Essa transformação é difícil e lenta, mas as evidências de meio século de história confirmam sua eficácia. O que começou em uma cadeia paulista hoje inspira ações em quatro continentes, provando que o primeiro passo para a recuperação é, invariavelmente, alguém que decide se aproximar do outro sem julgamento, oferecendo presença e dignidade.

*Bacharel em Ciências Jurídicas pela Universidade de Itaúna/MG e Ciências Teológicas pela PUC/RJ, atualmente é diretor-geral da FBAC - Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados, entidade que congrega as APACs do Brasil

O MÉTODO: DOZE PILARES, NENHUM GUARDA ARMADO

O que distingue uma APAC de uma penitenciária comum começa já na entrada. Não há policiais armados. Não há uniformes carcerários. Os presos – chamados de *recuperandos* – usam roupas comuns, têm crachás de identificação e, em muitas unidades, guardam as próprias chaves das instalações. A segurança é compartilhada. A responsabilidade, também.

O Método APAC estrutura-se em doze elementos fundamentais, todos indispensáveis para seu funcionamento:

- Participação da comunidade:** voluntários da cidade onde a APAC está instalada integram o cotidiano da unidade, substituindo agentes penitenciários em funções de acompanhamento. A comunidade deixa de ser espectadora e passa a ser coautora da recuperação.
- Recuperando ajudando recuperando:** os próprios presos assumem responsabilidades pela manutenção da ordem e pelo apoio mútuo. O companheirismo substitui a lei da selva que impera nos presídios comuns.
- Trabalho:** obrigatório e valorizado, o trabalho é instrumento de dignidade, não apenas de ocupação do tempo. Os recuperandos aprendem ofícios, cumprem tarefas reais e desenvolvem disciplina.
- Espiritualidade:** a dimensão espiritual é central no método, embora não se restrinja a uma única confissão. A fé é tratada como alicerce da transformação interior.
- Assistência jurídica:** como a maioria dos presos não tem condições de pagar advogado, a APAC oferece acompanhamento jurídico gratuito e sistemático.
- Assistência à saúde:** atendimento médico, psicológico e odontológico integram a rotina das unidades — direitos previstos em lei, mas raramente cumpridos nos presídios comuns.
- Valorização humana:** o recuperando é tratado pelo nome, não por número. Sua autoestima é trabalhada sistematicamente, porque a crença na própria dignidade é condição para a mudança de vida.
- Família:** as visitas são facilitadas e a família é incluída no processo de recuperação. O vínculo familiar é tratado como um dos fatores mais protetores contra a reincidência.
- Voluntariado e formação:** os voluntários passam por curso de formação específico. O voluntário despreparado pode fazer mais mal do que bem — daí a exigência de capacitação.
- Centro de Reintegração Social (CRS):** a arquitetura da APAC é pensada para o método, com espaços separados para cada regime (fechado, semiaberto e aberto), salas de aula, áreas de convivência e celas de visita íntima.
- Mérito:** a progressão de regime depende do comportamento observado e documentado. Não há automatismo — cada benefício é conquistado.
- Jornada de Libertação com Cristo:** considerado o ponto alto do método, trata-se de três dias de reflexão intensa, testemunhos e interiorização, nos quais o recuperando é convidado a fazer uma escolha definitiva por uma nova filosofia de vida.

APAC X SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO

Indicador	APAC	Sistema Prisional Comum
Taxa de reincidência	Menor que 15%	Cerca de 80%
Taxa de fugas	Próxima de zero (casos episódicos)	Alta incidência, especialmente em saídas temporárias
Custo mensal por preso	R\$ 1.580,00 (atual, em Minas Gerais)	R\$ 2.000 a R\$ 4.300 (variação por estado, 2024)

Fontes: STJ, CNJ, Senappen, FBAC (Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados)

Igreja mantém vivo o sonho do metrô na Brasilândia

APÓS MAIS DE 18 ANOS DE MOBILIZAÇÃO, A INAUGURAÇÃO DO PRIMEIRO TRECHO DA LINHA 6-LARANJA EVIDENCIA O PAPEL DA IGREJA CATÓLICA, QUE REUNIU A COMUNIDADE, ARTICULOU LIDERANÇAS E AJUDOU A TRANSFORMAR UM ANTIGO DESEJO EM REALIDADE

JENNIFFER SILVA
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

“Um sentimento indescritível”. É assim que o professor João Mota define o que viveu na quinta-feira, 2. Depois de mais de 18 anos de espera, ele finalmente pôde percorrer a Linha 6-Laranja do Metrô, concretizando um sonho que ajudou a construir desde os primeiros passos.

Ao lado do Cônego Noé Rodrigues, então Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Expectação, João esteve entre os idealizadores do Fórum Pró-Metrô, movimento que, durante quase duas décadas, mobilizou a comunidade em favor da construção da linha. Essa caminhada, sustentada especialmente por membros das paróquias da Região Episcopal Brasilândia, colheu seu primeiro grande fruto no último dia 2, com a inauguração de seis das 15 estações que comporão a Linha 6-Laranja.

REUNIDOS PELO BEM COMUM

Conhecido por preservar sua arquitetura colonial, concentrada no tradicional Largo da Matriz, o bairro da Freguesia do Ó ainda enfrentava, no início dos anos 2000, os desafios da mobilidade urbana em São Paulo. Foi diante dessa realidade que, em outubro de 2003, João, hoje com 86 anos, procurou o Cônego Noé para conversar sobre os problemas enfrentados pela região.

A partir disso, começou a ser estruturado um grupo de trabalho para tirar do papel o projeto do metrô para a região. Nascia, então, o Fórum Pró-Metrô. Com reuniões abertas à comunidade, a criação de um jornal informativo e parcerias com entidades da sociedade civil, o movimento ganhou força e foi se consolidando ao longo dos anos.

“Após a terceira reunião com a comunidade, elaborei o pedido oficial da linha de metrô para a região da Freguesia do Ó. Até conseguirmos a aprovação do Governo do Estado, em 2008, percorremos uma longa caminhada, com 123 reuniões com a população e encontros com três governadores diferentes”, recordou João.

Durante todo o processo de aprovação da Linha 6-Laranja, a Igreja se fez presente em uma mobilização que beneficiaria não apenas a mobilidade urbana, mas também a qualidade de vida dos moradores da região.

Por meio de abaixo-assinados distribuídos em todas as paróquias da Região Episcopal Brasilândia, a iniciativa, segundo João, foi ganhando força.

Para o aposentado, a presença do Cônego Noé foi decisiva, pois, a partir de seu trabalho pastoral, grupos foram sendo formados e reunindo pessoas de diferentes idades em torno da mesma causa.

“A Linha 6-Laranja, que agora é finalmente inaugurada, é o grande



Fotos: Arquivo pessoal



legado do Cônego Noé. Foi por meio de seu entusiasmo e apoio que, a partir deste ano, uma população de cerca de 15 mil pessoas poderá contar com o benefício de uma melhor locomoção”, afirmou João.

A REALIZAÇÃO DE UM SONHO

Quem também esteve ao lado do Cônego Noé e de João foi o Diácono Benedito Camargo, de 82 anos. Ao **O SÃO PAULO**, ele contou que, muito antes de as escavações da Linha 6-Laranja se tornarem realidade, a luta pela chegada do metrô à região começou a ser construída em salões paroquiais.

Mais do que reivindicar melhorias no transporte público, a comunidade buscava, segundo o Diácono, construir soluções coletivas para problemas que afetavam diretamente a qualidade de vida dos moradores.

Para ele, a maior contribuição da Igreja Católica foi manter viva, durante décadas, uma mobilização sustentada pela esperança, pela participação popular e pelo compromisso com o bem comum.

“Ninguém faz nada sozinho. A Igreja nos ensinou a acreditar e a participar para que o melhor aconteça em favor de todos. Toda pastoral precisa apoiar aquilo que favorece a vida do povo. Aprendemos que não devemos buscar apenas o resultado final. Todo o processo também representa uma conquista”, salientou.

SOB A INTERCESSÃO DE SANTA BÁRBARA

No mesmo ano em que o Governo do Estado aprovou a criação da Linha 6-Laranja, Leandro Silva passou a integrar o Fórum Pró-Metrô. Além de participar das discussões, também esteve envolvido em uma tradição que passou a acompanhar a construção da linha.

Em janeiro de 2016, um dos operários procurou o Diácono Benedito Camargo, que, na época, atuava na Paróquia Nossa Senhora da Expectação, para solicitar a entronização de uma imagem de Santa Bárbara, padroeira dos trabalhadores em minas e túneis, no canteiro de obras localizado às margens da Marginal Tietê, próximo à Ponte da Freguesia do Ó.

Posteriormente, a iniciativa foi levada para outro canteiro de obras, justamente onde, anos mais tarde, ocorreu o acidente na Marginal Tietê. “Santa Bárbara protegeu todos que estavam ali, pois, apesar da gravidade do acidente, não houve vítimas”, afirmou Leandro.

Outras entronizações foram realizadas na futura Estação Pacaembu, no túnel de acesso ao pátio de manutenção do Morro Grande e na Estação Brasilândia.

“A receptividade sempre foi muito grande. Na maioria das cerimônias, os trabalhadores participavam ativamente e, em algumas ocasiões, as ativida-

des eram interrompidas em sinal de respeito e devoção”, lembrou.

UMA IGREJA VIVA E PRESENTE

Ao longo de toda essa trajetória, a Igreja também permaneceu presente por meio dos bispos auxiliares que passaram pela região. Leandro frisou que Dom Benedito Simão acompanhou de perto as reuniões e as articulações do movimento. Já com Dom Milton Kenan Júnior, foi possível promover encontros com o então secretário dos Transportes Metropolitanos, Jurandir Fernandes. Dom Devair Araújo da Fonseca esteve ao lado da comunidade durante o início das obras e no processo de desapropriações. Mais recentemente, com Dom Carlos Silva, atual Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia, ao lado do professor João Mota e com o apoio do Cardeal Odilo Scherer, Arcebispo de São Paulo, foi encaminhado um ofício à Secretaria responsável pela obra solicitando a alteração do nome da futura Estação Vila Cardoso para Maristela referenciando sua localização exata.

“Fico muito feliz por ver este primeiro trecho sendo entregue, mas também acredito que precisamos continuar atentos, pois a obra ainda não está concluída. Mesmo assim, para uma obra que ficou paralisada por quatro anos, não há como deixar de celebrar esse momento. É uma conquista para todos que utilizarão a linha, para aqueles que lutaram durante tantos anos e também para os que partiram antes de ver esse sonho se tornar realidade”, celebrou Leandro.

Como forma de reconhecer essa trajetória, o Movimento Pró-Metrô pretende reivindicar a instalação de um busto do Cônego Noé Rodrigues na Estação Freguesia do Ó, como símbolo da mobilização organizada pela Região Episcopal Brasilândia; além disso, continuará acompanhando o avanço das obras para as linhas ainda não entregues e a qualidade do serviço a toda a comunidade.

LAPA



Pascom paroquial

A **Pastoral da Animação Bíblico-Catequética Regional** realizou no sábado, 4, um encontro formativo na Paróquia São João Batista, na Vila Ipojuca, Decanato São Simão. Com a presença de mais de 150 catequistas, os participantes refletiram sobre o Diretório Arquidiocesano da Catequese, assessorados pelo Padre Rafael de Araújo Noll, Assistente Eclesiástico da Iniciação à Vida Cristã na Região Brasilândia. O evento, que contou também com momentos de partilha e oração, foi coordenado pelo Padre Fabiano de Souza Pereira, Assistente Eclesiástico regional da Pastoral da Catequese, e teve a participação de Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa.

(por Benigno Naveira, com informações do Padre Fabiano de Souza Pereira)



Benigno Naveira

Na noite do sábado, 4, na **Paróquia São José**, no Jaguaré, Decanato São Bartolomeu, foi conferido o sacramento da Confirmação a 23 jovens e adultos, em celebração presidida por Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa. Na ocasião, também foi apresentado à comunidade o Padre Severino Gomes, CSC, Vigário Paroquial, que juntamente com o Padre José de Souza Paim, CSC, Pároco, concelebrou a missa. Dois crismados pertencem à Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na Vila Leopoldina, Decanato São Simão.

(por Benigno Naveira)



Benigno Naveira

A **Comunidade São Joaquim e Sant'Ana**, no Jardim Humaitá, pertencente à Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Decanato São Simão, acolheu no domingo, 5, os seminaristas participantes da Missão de Férias, durante missa presidida por Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa, com a assistência do Diácono seminarista Fabiano Henrique da Silva. Os seminaristas João Pedro Vivas Passos, Victor Afonso de Almeida, Rodrigo Otoboni, Jefferson Lopes de Souza e Vinicius Estevão conhecerão as diferentes realidades da comunidade e da vida paroquial, animados pelo espírito missionário de evangelização.

(por Benigno Naveira)

No dia 30 de junho, na Paróquia Nossa Senhora da Lapa, Decanato São Simão, aconteceu a **reunião do clero atuante na Região**, conduzida por Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa.

(por Benigno Naveira)

Atos da Cúria

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE PÁROCO

Em 16/06/2026, foi nomeado e provisionado como **Pároco** da **Paróquia Nossa Senhora Mãe da Igreja**, no bairro Jardim Paulista, Decanato São Tomé, na Região Episcopal Sé, o **Reverendíssimo Padre Everton Fernandes Moraes**, pelo período de **06 (seis) anos**.

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE COORDENADOR DO NÚCLEO FÉ E CULTURA DA PUC-SP

Em 08/06/2026, foi nomeado e provisionado como **Coordenador** do **Núcleo Fé e Cultura** da **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP**, o **Reverendíssimo Padre Rodrigo Pires Vilela da Silva**, pelo período de **04 (quatro) anos**.

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE ASSISTENTE ECLESIASTICO DE PASTORAL

Em 01/07/2026, foi nomeado e provisionado como **Assistente Eclesiástico** dos **Diáconos Permanentes** da Re-

gião **Episcopal Ipiranga**, o **Reverendíssimo Padre Jorge Bernardes**, pelo período de **02 (dois) anos**.

Em 01/07/2026, foi nomeado e provisionado como **Assistente Eclesiástico** da **Pastoral Familiar** da **Região Episcopal Sant'Ana**, o **Reverendíssimo Padre Humberto Robson de Carvalho**, pelo período de **02 (dois) anos**.

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE ASSISTENTE PASTORAL

Em 01/07/2026, foi nomeado e provisionado como **Assistente Pastoral** da **Paróquia Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos**, no bairro Vila Monumento, Decanato São Marcos, Região Episcopal Ipiranga, o **Diácono Permanente Sr. Feliciano Bonitatibus Neto**.

Em 18/06/2026, foi nomeado e provisionado como **Assistente Pastoral** da **Paróquia Nossa Senhora da Penha**, no bairro Jardim Peri, Decanato Santa Marta, Santa Maria

e São Lázaro, Região Episcopal Sant'Ana, o **Diácono Permanente Sr. Norberto Celestino Pereira** pelo período de **02 (dois) anos**.

NOMEAÇÃO DOS MEMBROS DA CÂMARA ECLESIASTICA DE INSTRUÇÃO PROCESSUAL


Em 01/06/2026, foram nomeados os membros da **Câmara Eclesiástica de Instrução Processual** da **Região Episcopal Ipiranga**, pelo período de **03 (três) anos**:

AUDITORES

Reverendíssimo Padre Benedito Vicente de Abreu, **Reverendíssimo Padre Jorge Bernardes**, **Reverendíssimo Padre Maércio Ângelo Pissinati Filho**, **Reverendíssimo Padre Uilson dos Santos** e **Diácono Permanente Sr. Anivaldo Blasques**

NOTÁRIOS

Sra. Claudia Rocha Pereira e **Sr. Sérgio Augusto da Silva Alvarenga**



ASSUNÇÃO
CENTRO
UNIVERSITÁRIO

Transforme o seu futuro no ASSUNÇÃO! Escolha estudar em um Centro Universitário com nota **MÁXIMA no MEC**, tradição em ensino de qualidade e compromisso com a sua formação. Aqui, você conquista sua **Graduação com 50% de desconto*** e tem acesso a cursos de **Pós-Graduação com condições e descontos especiais** e oportunidades únicas para crescer profissionalmente.

*Desconto exclusivo para ingressantes via Projeto "Vamos Sonhar Juntos"



WhatsApp
(11) 5087-0187

INSCREVA-SE JÁ!

Aulas das 19h às 21h50,
on-line ao vivo às sextas

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana
www.unifai.edu.br

SÉ



Luciney Martins

No dia 1º, a **Paróquia São Paulo da Cruz – Igreja do Calvário**, Decanato São Tomé, acolheu a imagem de Santa Teresinha do Menino Jesus, entronizada durante missa presidida pelo Frei Patrício Sciadini, OCD, um dos principais divulgadores da espiritualidade carmelitana no Brasil. Na homilia, o Religioso destacou que a espiritualidade de Santa Teresinha continua atual ao ensinar que a santidade se constrói na simplicidade, na fidelidade às pequenas coisas e na oferta da própria vida a Deus.
(por Secretariado de Comunicação Regional)



Pascom paroquial

Em junho, o grupo Andorinhas da Divino Salvador, da **Paróquia Divino Salvador**, Decanato São Tomé, realizou a doação de 28 enxovais para bebês à Associação Amparo Maternal, instituição que acolhe gestantes em situação de vulnerabilidade social. Criado em 2025, o grupo reúne paroquianos que, toda semana, dedicam voluntariamente seu tempo e seus talentos à confecção de peças destinadas a ações solidárias. A iniciativa integra as ações de promoção da caridade desenvolvidas pela comunidade paroquial e permanece aberta à participação de novos voluntários.
(por Pascom paroquial)



Pascom paroquial

No domingo, 5, a **Paróquia Pessoal dos Fiéis Latino-Americanos**, presente na Paróquia Nossa Senhora da Paz, Decanato São João Evangelista, celebrou a missa pelos 215 anos da Independência da Venezuela, ocorrida em 1811, e pelos milhares de falecidos e feridos em decorrência do terremoto que abalou o país no final de junho. A Missão Paz, instituição filantrópica da Congregação Scalabriana, tem mobilizado voluntários e recebido doações destinadas à Venezuela, como alimentos, roupas, produtos de higiene e outros donativos que, após triagem, serão enviados às regiões mais atingidas pelo desastre.
(por Pascom paroquial)



Pascom paroquial

No domingo, 5, foi celebrada missa em ação de graças pelo **aniversário natalício do Padre Sidney José Barone**, Pároco emérito da Paróquia Divino Salvador, Decanato São Tomé, presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, e concelebrada por Dom Eduardo Vieira dos Santos, Bispo de Ourinhos (SP), e padres amigos do aniversariante. A comunidade presente manifestou carinho ao Padre Barone, e reconhecimento por sua dedicação à Igreja e ao serviço pastoral ao longo dos anos.
(por Secretariado de Comunicação Regional)



Paulo C. Takahashi

No sábado, 4, na **Paróquia Nossa Senhora Achiropita**, Decanato São João Evangelista, foi realizada a investidura de 29 novos coroinhas durante a missa presidida pelo Padre Adilson Rodrigues dos Santos, PODP, Pároco. Na mesma celebração, outros 27 coroinhas renovaram o compromisso de continuar exercendo esse serviço litúrgico na comunidade.
(por Pascom paroquial)



Renata J. Silva

No sábado, 4, a comunidade da **Paróquia Sagrado Coração de Jesus em Sufrágio das Almas**, Decanato São Paulo, reuniu-se para a ordenação diaconal de Erick Bryan de Mattos, MSC. A missa foi presidida por Dom Antônio Carlos Cruz Santos, MSC, Bispo de Petrolina (PE), e contou com a participação de sacerdotes, entre ele o Padre Wederson Francisco Cavalcanti, MSC, Pároco, religiosos, religiosas, familiares, amigos e fiéis, que acompanharam este importante passo na caminhada vocacional do novo diácono.
(Instagram Santuário das Almas)

IPIRANGA

Pastoral familiar



A Pastoral Familiar Regional realizou no domingo, 5, o **Encontro de Namorados com Cristo (NCC)**, no Santuário São Judas Tadeu, Decanato São Mateus. Com a participação de 37 casais, a atividade contou com momentos de oração, reflexão, partilha e aprofundamento sobre o amor e discernimento da vocação matrimonial. Ao final do evento, os encontristas e a equipe de apoio participaram da missa presidida pelo Padre Crispim Teixeira Nascimento, SCJ, Vigário Paroquial. No dia anterior, a equipe organizadora do NCC participou da missa de envio, presidida pelo Padre Geovane Inácio dos Santos, SCJ, Vigário Paroquial.

(com informações da Pastoral Familiar)

Estão abertas as inscrições para o módulo do 2º semestre do **Curso de Formação Teológico-Pastoral do Ipiranga (Ceti)** de 2026. O conteúdo é apresentado em aulas semanais, disponibilizadas na plataforma do Ceti, com *lives* uma vez ao mês e demais conteúdos previamente gravados. As disciplinas deste módulo serão "Introdução à Teologia da Espiritualidade", sob a responsabilidade do professor especialista Gilberto José Chimenti, e "Os Documentos do Concílio Vaticano II", com o Prof. Dr. Padre Ney de Souza. O investimento é de R\$ 50 mensais. Mais informações e inscrições pelo e-mail ceti@regiaoipiranga.com.br, pelo WhatsApp (11) 2274-6964 ou pelas redes sociais no perfil @regiaoipiranga (Facebook e Instagram).

(por Karen Eufrosino)

BELÉM

Seminaristas são enviados em missão à Área Pastoral São João Paulo II

FERNANDO ARTHUR
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Na manhã do domingo, 5, Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, presidiu missa na Área Pastoral São João Paulo II, Decanato São Timóteo. Concelebrou o Padre Adalberto Wojciech, CSSp, Vigário Paroquial.

Na ocasião, foram abençoados e enviados em missão os seminaristas Wellison Siqueira, Victor Flores, Thiago Lastrucci, Thiago Ferreira, Lucas Vieira e Italo Iglesias. Desde 2009, a Arquidiocese de São Paulo promove a Missão de Férias como



Pascom paroquial

parte do programa formativo dos futuros sacerdotes.

Durante a semana, acompanhados de agentes de pastorais e do Padre Adalberto, os jovens realizarão visitas às casas, em especial as que são habitadas por doentes e idosos, às pessoas que estão afastadas do convívio da comunidade, às famílias que estão em busca dos sacramentos, e às famílias assistidas caritativamente pela comunidade.

Outro objetivo da Missão de Férias é animar toda a comunidade a realizar o trabalho missionário e fortalecer o vínculo do povo com os vocacionados, proporcionando troca de experiências, aprendizado e acolhimento.

Capela Madre Assunta Marchetti celebra sua festa patronal

Na manhã do dia 1º, Memória da Bem-Aventurada Assunta Marchetti, Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, presidiu a missa na Capela Beata Assunta Marchetti, na Vila Prudente.

Concelebraram os Padres Eduardo Binna, Pároco da Paróquia São Carlos Borromeu, na Vila Prudente, e Antônio César Segnanfredo, CS, Pároco da Paró-

quia São João Batista o Precursor e São João Batista Sacalabrini, com a assistência do Diácono Carlos Eduardo Moraes.

Na homilia, Dom Cícero ressaltou as virtudes de Assunta Marchetti, em especial sua assistência aos órfãos de migrantes e ex-escravos. Ao final da celebração, o Episcopo abençoou os fiéis com a relíquia de primeiro grau da Beata. (FA)



Capela Assunta Marchetti



Pascom paroquial

No sábado, 4, os fiéis da **Paróquia Santa Isabel Rainha**, Decanato São Lucas, celebraram sua padroeira. A missa solene foi presidida pelo Padre Valdeir dos Santos Goulart, Pároco, e concelebrada pelo Padre Francisco de Lélis Maciel, Colaborador Paroquial. Ao final da celebração, Padre Valdeir abençoou os fiéis com a relíquia de Santa Isabel. Durante o dia, houve uma carreata pelas ruas do bairro com a imagem da padroeira.

(por Pascom paroquial)

Na manhã do domingo, 5, dezenas de fiéis participaram da missa na **Comunidade Nossa Senhora Aparecida, da Missão Belém**, Decanato Santa Maria e São José, durante a qual houve a bênção do novo sacrário, da cruz, da imagem de Nossa Senhora Aparecida, dos quadros dos santos e da Via-Sacra. A Eucaristia foi presidida pelo Padre Paulo Gomes Júnior (Padre Paulinho), responsável pela Comunidade, e concelebrada pelo Padre Gianpietro Carraro, Fundador da Missão Belém, com a assistência do Diácono Elias Júlio da Silva.

(por Fernando Arthur)



Pascom paroquial

Na manhã do dia 1º, houve a **reunião do clero regional** no Centro Pastoral São José. O encontro contou com momento de oração, formação contínua e alinhamento das diretrizes pastorais da Região. Parte da atividade foi conduzida por Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa, que discorreu sobre o Diretório Arquidiocesano de Catequese. Também houve intervenções dos Padres João Júlio de Farias Júnior e Zacarias José de Carvalho Paiva, Procuradores da Mitra, que abordaram questões administrativas da Arquidiocese. Ao final do encontro, o clero alinhou o calendário pastoral dos próximos meses.

(por Fernando Arthur)

SANTANA

Simone Arruda e Hilton Felix



No dia 1º, Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana, presidiu missa na **Paróquia Rainha Santa Isabel**, Decanato São Judas Tadeu, por ocasião do 4º dia da Novena da Padroeira. Concelebrou o Padre Rafael Contini Quirino, com a assistência do Diácono Franco Antônio Abelardo e do Diácono seminarista Victor Silva Natali.

(por Simone Arruda e Hilton Felix)

Robson Francisco



No domingo, 5, Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana, presidiu a missa de abertura do Ano Jubilar pelos 90 anos de fundação da **Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus**, Decanato Santo Estêvão. Concelebraram os Padres Carlos Alberto Doutel, Administrador Paroquial, e José Roberto Novaes, Vigário Paroquial.

(por Robson Francisco)

BRASILÂNDIA



Angelo Nunes

No sábado, 4, foi realizado o Encontro de Mulheres da **Paróquia Santa Cruz de Itaberaba**, Decanato São Pedro. O evento, que teve como tema "Te chamo pelo nome, tu és minha" (cf. Is 43,1), reuniu mais de 250 participantes e contou com momentos de espiritualidade, pregações e louvor, conduzidos pelo Padre Carlos Alves Ribeiro, Pároco. **(por Sabrina Cre)**



Leticia Amorim

A **Pastoral Afro-Brasileira Dom José Maria Pires**, da Região Brasilândia, promoveu no sábado, 4, na Paróquia São Luís Gonzaga, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, um encontro de formação sobre os desafios da educação para a população negra. Com o tema "Cotas, letramento e cultura", o evento reuniu os palestrantes Padre Luiz Fernando Oliveira, Capelão da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Thiago Braziel e Luzia Santana, que refletiram sobre educação antirracista, acesso ao ensino superior, valorização da cultura negra e promoção da igualdade racial. **(por Leticia Amorim)**



Agatha Oliveira

Nos dias 4 e 5 de julho, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na Vila Dionísia, aconteceu o **Encontro de Jovens com Cristo (EJC) do Decanato São Filipe**. Com o tema "Jovens, sejam sentinelas do amanhã" e 126 participantes, o evento contou com momentos de espiritualidade, reflexão, oração e convivência fraterna, sob a direção espiritual do Padre Cleyton Pontes, Pároco da Paróquia Cristo Rei, da Região Lapa. A atividade foi concluída com a missa presidida pelo Padre Silvio Costa Oliveira, Decano do Decanato São Filipe e Pároco da Paróquia Santos Apóstolos, e concelebrada pelos Padres Reinaldo Torres, Pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, e Miguel Francisco da Conceição Cambiona, CSSp., Pároco da Paróquia Bom Pastor. **(por Agatha Oliveira)**



Fernanda Abreu

No sábado, 4, foi realizada na **Comunidade São Francisco de Assis**, pertencente à Paróquia Imaculado Coração de Maria, Decanato São Filipe, a primeira missa votiva em honra ao santo, presidida pelo Padre Antônio Cláudio Neres de Souza, CRL, Pároco. A partir desta celebração, em razão do Ano Jubilar Franciscano, ocorrerão missas na comunidade todo dia 4, em honra a São Francisco de Assis. **(por Lilian Magalhães)**



Comissão do Testemunho e da Caridade

A Paróquia Santa Rosa de Lima, em Perus, Decanato São Barnabé, acolheu o **Encontro Regional do Ofício Divino das Comunidades**, promovido pela Comissão do Testemunho e da Caridade, em articulação com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Região Brasilândia. A formação foi conduzida por Éder Massakasu Aono, da Arquidiocese de Sorocaba, que apresentou reflexões sobre a origem, a espiritualidade, a metodologia e a vivência do Ofício Divino das Comunidades, destacando sua importância para a animação da vida pastoral e da missão evangelizadora. **(por Comissão do Testemunho e da Caridade Regional)**



Roberto Bueno

A Comunidade Nossa Senhora Aparecida, da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, Decanato São Pedro, participou, no dia 28 de junho, da **missa em ação de graças pelos 75 anos de vida do Padre Pedro Ricardo Pieroni**, presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia, e concelebrada por sacerdotes das paróquias da Região. **(por Roberto Bueno)**



Luana Tosta

Em 28 de junho, a **Paróquia Santos Apóstolos**, Decanato São Filipe, celebrou os 60 anos de sua criação e o encerramento da 27ª Novena da Festa dos Santos Apóstolos, cujo tema foi: "Com os Santos Apóstolos somos um só time, uma só fé: juntos somos mais". A missa foi presidida Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia, e concelebrada pelos Padres Silvio Costa Oliveira, Pároco, e Alécio Ferreira da Silva, Vigário Paroquial. **(por Luana Tosta)**

A Região Brasilândia promoveu, nos quatro decanatos que a compõem – São Barnabé, São Pedro, São Filipe e Santa Isabel e São Zacarias, a **Formação Regional de Liturgia**, reunindo agentes paroquiais atuantes nesta pastoral para refletir sobre o tema "Como organizar a Pastoral Litúrgica na Paróquia?" Os encontros foram assessorados pelo Padre Thiago Aparecido Faccini Paro, Administrador Paroquial da Paróquia Imaculado Coração de Maria, da Região Belém, visando a fortalecer a atuação das equipes de liturgia paroquiais, com orientações sobre a organização pastoral e a vivência litúrgica em sintonia com as diretrizes da Igreja. **(por Roberto Bueno)**

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Pelo presente edital, fica convocado o Sr. **ERIC HENDERSON BATISTA DE MOURA**, endereço desconhecido, a comparecer de terça a sexta-feira, das 13h às 16h, ao Tribunal Eclesiástico de São Paulo, sito na Av. Nazaré, 993 – Ipiranga, São Paulo -SP, para tratar de assunto que lhe diz respeito.

São Paulo, 08 de julho de 2026
Dom Rogério Augusto das Neves
Vigário Judicial

As boas ações não tiram férias

DOAR SANGUE, DISTRIBUIR REFEIÇÕES, FORTALECER OS LAÇOS FAMILIARES E DEDICAR TEMPO AO PRÓXIMO SÃO ALGUMAS DAS FORMAS ENCONTRADAS PARA VIVER A CARIDADE

ROSEANE WELTER
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Enquanto muitos aproveitam as férias para descansar ou viajar, outros encontram uma oportunidade de servir. Seja preparando refeições para pessoas em situação de rua, doando sangue, dedicando mais tempo para a família e descobrindo que o descanso também pode ser vivido como expressão da caridade.

A FOME NÃO TIRA FÉRIAS

Há 12 anos, após um inverno rigoroso, nasceu a Organização Não Governamental (ONG) Anjos da Sopa, iniciativa que hoje distribui mais de 10 mil refeições por mês e atende centenas de famílias em situação de vulnerabilidade. Gisele Capelli, fundadora, é a responsável por coordenar as ações desenvolvidas pela entidade. “A ONG começou com a entrega de sopa à população em situação de rua. Começamos ajudando a população de rua e continuamos até hoje, ampliando cada vez mais esse trabalho que é realizado de segunda a sexta-feira. A missão conta também com a entrega de 230 cestas básicas mensais para famílias em situação de vulnerabilidade nos municípios de São Bernardo do Campo, Santo André, São Caetano do Sul e Mauá”, explica.

Durante o período de férias escolares, Gisele relata que, além dos voluntários levarem seus filhos para participar das ações solidárias, muitas crianças em situação de pobreza passam a depender da sopa distribuída pela ONG devido à suspensão da merenda escolar. “A fila da população de rua se mistura com crianças que, durante o período letivo, se alimentam na escola. Quando as aulas param, muitas delas ficam sem a merenda e vêm buscar a sopa para conseguir se alimentar. Por isso, a nossa demanda aumenta bastante”, disse.

Gisele faz questão de envolver os próprios filhos nas ações e acredita que esse contato direto com a realidade das pessoas em situação de vulnerabilidade contribui para formar cidadãos mais sensíveis e comprometidos com o próximo. “Os voluntários aproveitam as férias para trazer os filhos. É uma forma de mostrar, na prática, a importância da caridade. No meu caso, meus filhos Ravi, 8, Victória, 9, Ian, 13, sempre participam das entregas de sopa quando estão de férias. Uma oportunidade para meus filhos já desenvolverem um olhar atento às necessidades das pessoas que encontram nas ruas”, contou.

O incentivo à solidariedade não acontece apenas nas férias. Ao longo de todo o ano, a ONG mantém parcerias com escolas públicas e particulares, promovendo campanhas de arrecadação de agasalhos, alimentos e potes reutilizáveis para a distribuição das refeições. “Fazemos um trabalho muito forte com as escolas. Incentivamos as crianças a participarem das campanhas e entenderem a importância de ajudar



Fotos: Arquivo pessoal



quem mais precisa. Nas férias esse trabalho apenas se intensifica”, mencionou a fundadora, recordando que, atualmente, a ONG reúne 204 voluntários.

Ian, 13, contou que “fazer parte das ações de entrega de sopa e de roupas às pessoas carentes me faz bem, me sinto uma pessoa melhor. Fico triste em ver que há pessoas em condições difíceis. Gosto de participar e fazer o bem a quem mais precisa”, disse.

PEQUENOS GESTOS CONTAM

Alice dos Santos, 7, aluna do 2º ano do ensino fundamental na Escola Paulista, vive as férias como um tempo de diversão, convivência familiar e descobertas. “Vou à praia, brinco na areia e também entro no mar”, conta, com entusiasmo.

Além das brincadeiras ao ar livre, Alice também reserva um espaço para a leitura durante o período de descanso

escolar. “Gosto de frequentar a biblioteca e um de meus livros preferidos é o *Chapeuzinho Vermelho*”, afirma.

As férias também são uma oportunidade para fortalecer os laços com a família. “Eu gosto de ir à casa da minha avó Suzana, que tem 73 anos. Ela faz cosquinhas, é um momento de muito amor”, conta, sorrindo.

AMIGOS EM AÇÃO

Desde 2020, um grupo de amigos tem transformado os sábados em dias de serviço ao próximo. O grupo Amizade Fraterna mantém um trabalho contínuo de assistência a pessoas em situação de rua. Juez Marco da Silva, 60, é um dos 25 voluntários. “O projeto surgiu da união de pessoas movidas pelos mesmos valores, com o desejo de ajudar os irmãos em vulnerabilidade. Estamos juntos desde a pandemia. Começamos com a distribuição de cerca de 25 lanches, atualmente a equipe distribui aproximadamente 150 lanches, acompanhados de cerca de 10 litros de café com leite ou suco, conforme a época do ano, além de 60 a 70 garrafas de água mineral. Entregamos roupas, calçados, kits de higiene e este mês já distribuimos cerca de 100 cobertores”, afirmou.

“Esse trabalho tem tudo a ver com a mensagem de Jesus: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Nós nos colocamos no lugar dessas pessoas e pensamos em como gostaríamos de ser tratados se estivéssemos vivendo essa realidade. É um exercício de caridade, humildade e fraternidade e também de aprendizado”, disse, ressaltando: “Nosso trabalho é apenas uma gota de água, mas, como dizia Irmã Dulce, sem essa gota o oceano seria diferente”.

GOTAS DE ESPERANÇA

Michele Gavazzi, 34, assistente financeira e paroquiana da Paróquia Nossa Senhora da Assunção, em Pirituba, transformou a doação de sangue em um compromisso de solidariedade, especialmente durante seus períodos de férias. “Tudo começou em 2019, quando vi a campanha promovida pela comunidade paroquial que reunia pessoas para ir ao Hemocentro. Achei interessante e participei. Em 2021, minha avó ficou um longo período internada e via nos corredores cartazes e pensei: já que estou aqui, vou doar, e desde então, faço a doação duas vezes ao ano, aproveitando justamente os períodos de férias do trabalho, em janeiro e entre julho e agosto”, recorda.

“Doar sangue é um gesto simples, mas capaz de produzir um impacto imenso na vida de outras pessoas. É um ato de solidariedade. É um esforço tão pequeno da nossa parte para um bem tão grande. Aquece o coração saber que você pode ajudar alguém, mesmo sem conhecer essa pessoa”, afirma, ressaltando: “É uma forma concreta de viver o Evangelho, de ajudar o próximo”.

Estados Unidos

Fiéis transformam a Copa do Mundo em campo de missão

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

Durante a Copa, como torcedores de várias partes do mundo viajaram para as cidades-sede para apoiar suas seleções, um programa de rádio católico da cidade de Atlanta, nos Estados Unidos, está aproveitando a oportunidade para evangelizar e anunciar a Palavra de Deus.

A rádio católica *Quest Atlanta* montou um estande de hospitalidade católica na ATL Experience – mercado oficial de comércio local de Atlanta para a Copa do Mundo 2026, que tem cerca de 90 empresas locais, de alimentos e bebidas a roupas e arte. Os visitantes do estande encontrarão informações sobre igrejas locais, horários de missas, doutrina e fé católicas, folhetos, cartões de oração, imagens religiosas, terços e sorteios de prêmios.

O estande é administrado por voluntários da Arquidiocese de Atlanta, fiéis de várias paróquias e funcionários da *Quest Atlanta*. Membros do clero da arquidiocese também estão presentes.

“Tem sido uma ótima maneira de evangelizar, inclusive os católicos daqui e os voluntários, porque poucas pessoas têm a oportunidade de participar de algo assim”, disse Allison Dalloul, copresentadora do programa matinal da *Quest* e

coordenadora de divulgação.

Ela afirmou que uma grande diversidade de pessoas, de diferentes origens, tem se aproximado do estande. Por exemplo, uma mulher que perdeu o marido recentemente visitou o estande e um membro da equipe de evangelização rezou com ela. Muitos casais também têm se aproximado do

estande para pedir aos padres presentes uma bênção para o seu casamento.

“As pessoas estão chegando com sede [de fé], sem saber nada sobre a Igreja, e dizendo: ‘Ah, eu sou católico. Que legal que isso existe aqui’”, disse Allison. “Não estamos evangelizando só as pessoas que comparecem à Copa do Mundo, mas também os

vendedores que estão trabalhando nas diferentes áreas”, assinalou.

Falando sobre os muitos momentos de fé presenciados até agora, Allison disse que tem sido “um belo testemunho para todos os que estão assistindo”.

“Fico muito feliz quando vejo homens cheios de fé, vivendo sua fé, sem vergonha ou constrangimento de fazer o sinal da cruz”, disse ela. “Em nossa sociedade, às vezes sinto que muitas pessoas têm medo de agradecer antes das refeições em um restaurante e fazer o sinal da cruz porque alguém pode olhar de modo estranho ou esquisito. Devemos ser católicos sem pedir desculpas. Nunca devemos ter medo de compartilhar nossa fé, onde quer que estejamos”.

Quanto às suas expectativas para todos aqueles que visitarem o estande da *Quest*, Allison disse esperar que eles experimentem “o amor de Cristo”.

“Sinto que a nossa simples presença, com sorrisos no rosto, conversando com as pessoas... é a presença de Cristo ali. Quero que elas encontrem Cristo quando nos conhecerem, porque não temos ideia do que se passa na vida dos outros... Não sabemos o que estão passando. E nunca se sabe: o Senhor pode inspirá-las a fazer algo, a ir à igreja ou à missa”, concluiu.

Fonte: EWTN News



Noruega

Com um sistema educacional diferenciado, país impõe proibição de inteligência artificial às crianças do ensino fundamental

A Noruega deu mais um passo em sua política de restrição ao uso de tecnologia por crianças e adolescentes: proibiu a utilização de inteligência artificial (IA) generativa na educação básica (até 13 anos), ao mesmo tempo em que limitou seu uso na educação de alunos mais velhos. O objetivo é evitar impactos negativos no aprendizado, conforme afirmou Jonas Gahr Støre, primeiro-ministro do país.

Diante da queda generalizada no desempenho escolar, o governo proibiu o uso de *smartphones* nas escolas em 2024 e devolveu aos professores mais autoridade para manter a disciplina. De acordo com alguns estudos, tal medida já apresentou resultados, incluindo notas mais altas dos alunos e menos consultas a profissionais de saúde mental, principalmente entre estudantes do sexo feminino.

Segundo autoridades, o uso de IA aumenta o risco de que crianças pequenas percamb etapas importantes de sua educação. Embora o governo norueguês reconheça que a IA pode ser benéfica para o aprendizado em certos cenários, a declaração enfatiza que as habilidades básicas de leitura, escrita e matemática devem vir em primeiro lugar.

Alunos do 1º ao 7º ano (faixa etária

de 6 a 13 anos) não devem, como regra geral, utilizar IA, enquanto os alunos do ensino secundário inferior (de 14 a 16 anos) podem adotar as ferramentas com cautela e sob supervisão dos professores.

No ensino secundário superior (de 17 a 19 anos), os estudantes devem aprender a utilizar a IA de forma adequada para que estejam preparados para o ensino superior e para o mercado de trabalho.

O país começou a introduzir computadores nas salas de aula na década de 1990 e *tablets* a partir de 2010, reduzindo a dependência de livros e da escrita à mão. No entanto, em um comunicado, o governo também informou que propará uma legislação para financiar o uso de mais livros em sala de aula, revertendo a tendência de priorizar dispositivos eletrônicos entre os jovens.

A educação na Noruega é diferenciada: lá, em vez de acontecer somente na sala, a maioria das aulas é dada do lado de fora: na floresta, na neve, na chuva, no frio, em contato com a natureza. Enquanto boa parte do mundo tenta proteger as crianças de qualquer risco, com *playgrounds* com borracha no chão, brinquedos sem arestas, telas que entretêm sem exigir nada, a nação foi na direção oposta.

Lá, o objetivo não é eliminar o perigo, mas ensinar a lidar com ele. E essas escolhas têm raízes profundas: uma tradição chamada *Friedluftliv* – vida ao ar livre –, que faz parte da cultura norueguesa há séculos e difunde que algumas das habilidades mais importantes da vida não são desenvolvidas apenas dentro de uma sala de aula.

Ellen Sandseter, pesquisadora norueguesa e pós-doutora em Educação, publicou estudos que mudaram o debate mundial sobre a educação infantil. Segundo ela, arriscar-se na infância é muito benéfico para a formação da personalidade de qualquer pessoa. Ela identificou seis categorias de brincadeiras de risco (enfrentar grandes alturas, expor-se a altas velocidades, utilizar ferramentas, ter contato com elementos da natureza, participar de atividades interativas e explorar livremente espaços desconhecidos) e mostrou que essas experiências estão diretamente associadas ao desenvolvimento de equilíbrio, confiança, superação e capacidade de avaliação de risco.

Crianças que brincam com desafios reais desenvolvem tais competências, e é comum ver crianças norueguesas de 4 ou 5 anos aprendendo a acender uma fogueira, esculpindo gravetos com facas apropriadas ou

explorando uma floresta sob a supervisão de educadores.

Há uma razão para isso: brinquedos prontos já têm uma função definida; por exemplo, um carrinho serve unicamente para ser um carrinho. Na natureza, um galho serve para virar uma espada, uma vara de pescar, uma ponte, um castelo; uma pedra pode ser um tesouro, uma comida, um personagem de uma história... Por isso, muitos educadores escandinavos acreditam que a exploração livre fortalece a criatividade, a concentração, a cooperação social e a capacidade de resolver problemas.

O brincar não é visto como uma pausa na aprendizagem; é visto como a própria aprendizagem, porém os objetivos vão além da infância: os noruegueses acreditam que a vida ao ar livre forma pessoas mais leves, mais confiantes e capazes de encontrar felicidade sem depender de consumo ou de entretenimento o tempo todo, e é por isso que, mesmo na vida adulta, na Noruega tantas pessoas saem do trabalho para caminhar em uma trilha, para nadar em um lago ou simplesmente para viver um pouco ao ar livre. Para eles, a natureza não é só um lugar para se passear; ela é também a maior sala de aula.

Fontes: Ellen Sandseter, *The News e PC Magazine*

O Papa em Lampedusa: à luz do Evangelho, aprender juntos a acolher, acompanhar e integrar

PADRE BRUNO MUTA VIVAS
Especial para O SÃO PAULO

No sábado, 4, o Papa Leão XVI realizou uma visita pastoral à Ilha de Lampedusa, ao sul da Itália. Entre encontros com migrantes, visitas a monumentos, orações pelas vítimas das travessias marítimas e a celebração da missa, o Pontífice colocou Lampedusa novamente no centro da atenção no que se refere ao acolhimento daqueles que buscam recomeçar suas vidas em terras estrangeiras.

Na homilia, comentando a parábola do Bom Samaritano, Leão XIV denunciou as múltiplas realidades que alimentam o sofrimento daqueles que migram. Enumerou “o desinteresse pelo bem comum”, “a corrupção”, “um sistema econômico mundial que gera pobreza e exclusão”, “o medo que fomenta preconceitos e desprezo”, os interesses criminosos daqueles que enriquecem com o drama humano e a dificuldade



para passar “de uma mera gestão das emergências para a elaboração de políticas orgânicas e compartilhadas”. Tudo

isso, disse o Santo Padre, “reproduz o comportamento daqueles que, na parábola evangélica, passam ao largo”.

Por fim, o Pontífice dirigiu um apelo crucial ao continente europeu: pediu que se enfrente a crise migratória por meio de um projeto de longo alcance que seja capaz de “acolher, proteger, promover e integrar os migrantes e, ao mesmo tempo, trabalhar pelo desenvolvimento, de tal forma que ninguém se veja obrigado a emigrar.”

DESCANSO EM CASTEL GANDOLFO

No domingo, 5, o Papa Leão XIV seguiu para o Palácio Apostólico de Castel Gandolfo, onde permanecerá em descanso até o dia 27 de julho. Nesse período, ficam suspensas as Audiências Gerais das quartas-feiras e as audiências privadas. Ainda assim, Leão XIV manterá alguns compromissos em Castel Gandolfo, entre eles um almoço com pessoas em situação de vulnerabilidade assistidas pela Diocese de Roma, no sábado, 11, e a oração do *Angelus* aos domingos.

Declarada excomunhão após ordenações episcopais ilícitas da Fraternidade Sacerdotal São Pio X

O Dicastério para a Doutrina da Fé publicou, na quinta-feira, 2, um decreto no qual declara que os bispos e sacerdotes envolvidos nas consagrações episcopais realizadas pela Fraternidade Sacerdotal São Pio X, no dia 1º, em Ecône, na Suíça, incorreram automaticamente na pena de excomunhão reservada à Sé Apostólica. Na mesma data, o organismo divulgou uma nota explicativa que detalha as consequências canônicas decorrentes do ato.

Segundo o decreto, Dom Alfonso de Galarreta, que presidiu as consa-

grações episcopais de quatro sacerdotes sem mandato pontifício e contra a vontade expressa do Santo Padre, incorreu nas penas previstas pelos cânones 1387 e 1364 §1 do Código de Direito Canônico. A excomunhão também foi declarada para os quatro sacerdotes consagrados – Pascal Schreiber, Michael Goldade, Michel Poininet de Sivry e Marc Hanappier – e para Dom Bernard Fellay, que participou da celebração como co-consagrante, aderindo publicamente ao ato de natureza cismática.

A nota explicativa esclarece que, em consequência desse ato, os ministros da Fraternidade Sacerdotal São Pio X devem ser considerados em situação de cisma e sujeitos à excomunhão prevista pelo Direito Canônico. Também afirma que os fiéis leigos que aderirem formalmente à Fraternidade, nas condições estabelecidas pela nota explicativa publicada em 1996 pelo então Pontifício Conselho para os Textos Legislativos, igualmente incorrem em excomunhão. Além disso, adver-

te que os ministros da Fraternidade administram ilicitamente os sacramentos e que as absolvições sacramentais e os matrimônios por eles assistidos são inválidos.

Ao mesmo tempo, reafirma a disposição da Igreja de acolher aqueles que desejarem retornar à plena comunhão e exorta todos os fiéis a permanecerem em comunhão com o Romano Pontífice e com os bispos unidos a ele, abstendo-se de participar das celebrações e atividades promovidas pela Fraternidade.

Como sacerdotes e fiéis da FSSPX podem retornar à plena comunhão com a Igreja Católica?

O Dicastério para a Doutrina da Fé também encaminhou aos bispos de todo o mundo, por meio das nunciaturas apostólicas, orientações sobre o procedimento para acolher sacerdotes e fiéis leigos que decidirem deixar a Fraternidade Sacerdotal São Pio X e retornar à plena comunhão com a Igreja Católica.

PROCEDIMENTO PARA OS SACERDOTES

O procedimento estabelecido pelo Dicastério prevê que o sacerdote que decidir deixar a Fraternidade Sacerdotal São Pio X, disposto a aceitar o Concílio Vaticano II e a legitimidade do *Novus Ordo Missae*, embora permaneça vinculado ao rito antigo, deverá “encontrar um Ordinário disposto a acolhê-lo *ad experimentum*”.

Em seguida, deverá “escrever de próprio punho ao Santo Padre uma carta na qual se apresente e peça a remissão das censuras em que incorreu por ter recebido a ordenação de um bispo excomungado ou irregular, ou por ter posteriormente ingressado na Fraternidade Sacerdotal São Pio X”. À carta deverão ser anexados o certificado de ordenação sacerdotal, bem como a *Professio fidei* e a *Formula adhaesionis*, ambas datadas e assinadas. A primeira sintetiza os conteúdos da fé católica; a segunda é a fórmula pela qual o sacerdote promete fidelidade ao Papa e a todo o magistério da Igreja.

A documentação deverá ser encaminhada ao Dicastério pelo bispo local, “que manifestará, na carta de apresentação, a disponibilidade para

acolhê-lo *ad experimentum* em sua diocese ou instituto”. Após o recebimento dos documentos, o Dicastério emitirá um rescrito de remissão das censuras, autorizando o bispo local a acolher o sacerdote requerente “por um período de prova de pelo menos um ano e não superior a três anos, ao término do qual poderá ser realizada a sua incardinação”.

PROCEDIMENTO PARA OS LEIGOS

Quanto aos fiéis aos quais tenha sido aplicada uma pena e que desejem retornar à plena comunhão com a Igreja Católica, o procedimento “implica um ato formal de plena adesão à doutrina e de obediência à hierarquia católica, sob a jurisdição do Ordinário do lugar”. Para isso, o fiel deverá apresentar ao bispo diocesano a *Professio*

fidei e a *Formula adhaesionis*, datadas e assinadas. “Uma vez recebida a documentação, o Ordinário do lugar providenciará o acolhimento do fiel leigo nos tempos e modos que considerar mais oportunos.”

O documento especifica ainda que “não devem ser considerados imputáveis: os leigos que tenham frequentado a Fraternidade Sacerdotal São Pio X apenas por motivos litúrgicos ou espirituais; os leigos que, embora conscientes das tensões com a Santa Sé, não rejeitam o Magistério nem a autoridade do Romano Pontífice”. Nesses casos, será suficiente recorrer “a um sacerdote em plena comunhão com a Igreja, assumindo a decisão de não frequentar futuramente a Fraternidade Sacerdotal São Pio X”.